

**ALAN VICTOR FREITAS DE ANDRADE**

**O MEME COMO GÊNERO CIBORGUE:  
UMA ANÁLISE PÓS-HUMANISTA DA PÁGINA *HISTÓRIA NO PAINT* NA  
REDE SOCIAL FACEBOOK**

	 <p><b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL</b></p>
	<p><b>ALAN VICTOR FREITAS DE ANDRADE</b></p>
<p><b>O MEME COMO GÊNERO CIBORGUE: UMA ANÁLISE PÓS-HUMANISTA DA PÁGINA <i>HISTÓRIA NO PAINT</i> NA REDE SOCIAL FACEBOOK NA REDE SOCIAL FACEBOOK</b></p>	<p><b>O MEME COMO GÊNERO CIBORGUE: UMA ANÁLISE PÓS-HUMANISTA DA PÁGINA <i>HISTÓRIA NO PAINT</i> NA REDE SOCIAL FACEBOOK</b></p>
<p><b>2021</b></p>	<p><b>Campo Grande/MS 2021</b></p>

**ALAN VICTOR FREITAS DE ANDRADE**

**O MEME COMO GÊNERO CIBORGUE:  
UMA ANÁLISE PÓS-HUMANISTA DA PÁGINA *HISTÓRIA NO PAINT* NA  
REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Conhecimento: *Linguagem: Língua e Literatura*

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

**CAMPO GRANDE  
2021**

**ALAN VICTOR FREITAS DE ANDRADE**

**O MEME COMO GÊNERO CIBORGUE: UMA ANÁLISE PÓS-HUMANISTA  
DA PÁGINA *HISTÓRIA NO PAINT* NA REDE SOCIAL FACEBOOK**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Conhecimento: *Linguagem: Língua e Literatura*

Orientador: Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

---

Prof. Dra. Nara Hiroko Takaki (Titular)  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

---

Prof. Dra. Aline Saddi Chaves (Titular)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

---

Prof. Dra. Ana Paula Tribesse Dargel (Suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

---

Prof. Dr. Daniel Abrão (Suplente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS

**CAMPO GRANDE  
2021**

## **Agradecimentos**

Primeiramente, a Deus pela realização de um sonho pelo qual batalhei por anos.

A minha mãe, Ivone Maria Freitas, por todo o apoio, dedicação e paciência em minha jornada acadêmica, pessoa sem a qual nada disso teria acontecido.

Ao meu pai, Alecir Andrade, por me apoiar e incentivar no início da minha vida acadêmica. Acredito que, se estivesse aqui, estaria orgulhoso.

A minha avó, Dona Inês, por sempre me manter em suas orações para que este percurso culminasse em resultados positivos e frutíferos.

Ao meu orientador, Nataniel dos Santos Gomes, por ter aceitado fazer parte desta pesquisa e acreditado no potencial dela.

Às professoras Nara Hiroko Takaki e Aline Saddi Chaves, pela leitura cuidadosa e correções feitas durante a qualificação e a defesa, que contribuíram imensamente para esta pesquisa.

A minha amiga, Laryssa Sousa. Sou grato pela dedicação, pelas horas de discussões durante a madrugada sobre este trabalho, pelo afeto e compromisso que teve comigo e com esta pesquisa, que só aconteceu a partir de muitas leituras indicadas e discutidas por e com ela. Agradeço a oportunidade de trabalho em conjunto que certamente mudou e irá mudar ainda mais minha vida.

Aos meus amigos Mario Marcio Ribas e Júlia Benteo, que comigo formaram o berço para o desenvolvimento deste trabalho. A partir de discussões com ambos surgiu a ideia que desencadeou toda esta pesquisa. Agradeço aos dois pelas inúmeras reflexões, conselhos e conversas que, durante o decorrer desta trajetória, se mostraram vitais para sua conclusão.

A minha melhor amiga, Brenda Teixeira, pelas horas de conversa e desabafo das aflições, vitórias e emoções advindas do percurso deste trabalho.

Aos meus amigos do mestrado na UEMS, Gabriella Lanzarini, Daniela Paiva, Giovana Martins, Vinicius Ezaú e Guevara Toledo, por sempre estarem presentes nos momentos de angústia e realizações. Essa jornada certamente foi mais prazerosa com a presença de vocês.

Aos meus amigos da disciplina “Introdução aos Estudos em Linguagens e Tecnologias” do doutorado DINTER/UFMS-UNICAMP, Danieli Daiani Francisquini Ocampos, Juvenal Brito Cezarino Júnior, Sóstenes Renan de Jesus, Carvalho Santos, Themis Rondão Barbosa da Costa Silva, Ana Lucia Monteiro Maciel Golin, Cleovia Almeida de Andrade, Elisângela Cristiane Rozendo de São José, Gabriela Claudino Grande, Shirley Vilhalva e Mario Marcio Godoy Ribas, pelas horas de reflexões e acolhimento na disciplina. Vocês todos foram uma fonte de inspiração para que eu seguisse meu projeto e sonho de continuar na academia.

À Capes pelo apoio financeiro.

ANDRADE, Alan Victor Freitas de. **O meme como gênero ciborgue**: uma análise pós-humanista da página *História No Paint* na rede social Facebook. 2021. 82f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2021.

### Resumo

Esta pesquisa objetiva apresentar discussões e análises sobre o gênero textual meme e como ele pode ser percebido a partir de uma perspectiva pós-humanista, embasada em reflexões instigadas por um quadro pós-qualitativo, com o intuito de analisar postagens da página *História no Paint* (2016) na rede social Facebook. A perspectiva pós-humanista, à qual me alinho, busca desconstruir a ideia do ser humano como ator central na produção semiótica, ao propor que todos os seres, humanos e não-humanos, contribuem com o processo de significação. A partir de olhares pós-qualitativos, busco questionar a estabilidade e o controle que metodologias humanistas estabelecem sobre a pesquisa. Especificamente, propus como objetivos: a) investigar o que o meme, em sua configuração rizomática, engloba em termos material-discursivos, a partir de uma leitura pós-humanista; e b) analisar como o meme, como gênero ciborgue, se (trans)forma e quais elementos o constituem. Após uma breve contextualização da sociedade pós-tipográfica e apontamentos sobre o Pós-humanismo, abordo o conceito de *meme* a partir de Dawkins (1976). Sequencialmente, reflito sobre o gênero com base em discussões da área da linguagem, de maneira que apresento questionamentos de concepções humanistas comumente usadas para definir o meme. Em um terceiro momento, discorro sobre como tal gênero se relaciona a perspectivas pós-humanistas. Assim, por meio desta pesquisa, sugiro uma compreensão do meme como gênero ciborgue, caracterizado pela sua dinamicidade e fluidez em seu processo de construção semiótico-material, bem como uma *assemblage*, na qual forma, enunciado e contexto são percebidos não como partes independentes e/ou pontos de partida, mas como elementos que se coconstituem de forma emaranhada. De modo geral, esta investigação trabalhou com uma concepção do meme como gênero ciborgue e seus aspectos material-discursivos. Considerar os objetos que interpelam discursos, a disposição dos elementos, as condições climáticas etc., isto é, a materialidade, é algo que torna a visão sobre o meme algo particular. Dessa maneira, o meme não é percebido apenas como uma criação humana, mas como algo que emerge a partir de todos os elementos que interpelam as pessoas e, com elas, produzem o meme.

**Palavras-chave:** meme, gênero ciborgue, Pós-humanismo, Facebook, *História No Paint*.

## Abstract

This research aims to present discussions and analyses of the textual genre meme and how it can be perceived from a posthumanist perspective, based on reflections encouraged by a postqualitative framework, in order to analyze posts from the page *História no Paint* (2016) on the social network Facebook. The posthumanist perspective, with which I align myself, seeks to deconstruct the idea of human being as the central actor in semiotic production, by proposing that all beings, human and non-human, contribute to the process of signification. From a postqualitative standpoint, I seek to question the stability and control that humanistic methodologies establish over research. Specifically, I proposed as objectives: a) to investigate what the meme, in its rhizomatic configuration, encompasses in material-discursive terms, from a posthumanist perspective; and b) to analyze how meme, as a cyborg genre, (trans)forms and what elements constitute it. After a brief contextualization of the post-typographic society and notes on posthumanism, I address the concept of *meme* from Dawkins' (1976) standpoint. Sequentially, I reflect on the genre based on discussions from language studies, so as to present provocative questions concerning humanist conceptions commonly used to define meme. Then I discuss how this genre is related to posthumanist perspectives. Thus, through this research, I seek to present an understanding of meme as a cyborg genre, characterized by its dynamism and fluidity in its process of semiotic-material construction, as well as an assemblage, in which form, utterance, and context are perceived not as independent parts and/or starting points, but as elements that constitute each other in an entangled fashion. In general terms, this investigation worked on the conception of meme as a cyborg genre and its material-discursive aspects. Considering objects that interpellate discourses, the disposition of elements, climatic conditions, etc., that is, materiality, is something that makes the view about meme particular. Thus, meme is not perceived only as a human creation, but as something that emerges from all elements that interpellate people and, with them, produce the meme.

**Keywords:** meme, cyborg genre, posthumanism, Facebook, *História No Paint*.



Givemecandynowf (2020)

## Lista de figuras

<b>Figura 1</b> – Meme do caixão.....	13
<b>Figura 2</b> – Meme do caixão em outdoor .....	13
<b>Figura 3</b> – Meme perro.....	13
<b>Figura 4</b> – Meme perro em brinquedo .....	13
<b>Figura 5</b> – Willy Wonka (1971) .....	33
<b>Figura 6</b> – Tweet do Neymar.....	33
<b>Figura 7</b> – Kombucha girl .....	34
<b>Figura 8</b> – Mulher dançando e bebendo.....	34
<b>Figura 9</b> – Mulher finge estar surpresa .....	35
<b>Figura 10</b> – Áudio da cantora Anitta.....	35
<b>Figura 11</b> – Postagem da Serasa .....	43
<b>Figura 12</b> – Foto de idoso em meme.....	44
<b>Figura 13</b> – Conjunto representativo dos memes analisados .....	54
<b>Figura 14</b> – Pica-Pau como Santos Dumont.....	55
<b>Figura 15</b> – Pica Pau como membro da KKK.....	59
<b>Figura 16</b> – Menina rolezeira na Revolução Industrial.....	60
<b>Figura 17</b> – Akon como golfinho.....	62
<b>Figura 18</b> – Akon como Dom Pedro I.....	63
<b>Figura 19</b> – Homer e Bart Simpson .....	64
<b>Figura 20</b> – Homer e Bart Simpson 2 .....	66
<b>Figura 21</b> – Menina rolezeira na lua .....	67
<b>Figura 22</b> – Menina rolezeira americana.....	69

## Sumário

<b>Introdução</b> .....	11
<i>Aspectos metodológicos</i> .....	16
<b>Capítulo 1: A sociedade pós-tipográfica, Pós-humanismo e suas implicações</b> .....	21
1.1 Uma sociedade pós-tipográfica.....	21
1.2 O Pós-humanismo, suas implicações e a linguagem.....	24
<b>Capítulo 2: Memes</b> .....	28
2.1. Definições preliminares .....	28
2.2 Uma proposta de conceituação .....	32
2.3 Meme: o gênero ciborgue .....	38
2.4 <i>Remix</i> versus <i>assemblage</i> : algumas reflexões .....	45
<b>Capítulo 3: Análise do material empírico</b> .....	50
3.1 O contexto e as particularidades da investigação.....	50
3.2 A abrangência do meme em termos material-discursivos .....	53
3.3 Os elementos que constituem o meme e como ele se (trans)forma .....	64
<b>Considerações finais</b> .....	72
<i>Respostas às perguntas de pesquisa</i> .....	72
<i>Últimas palavras</i> .....	73
<b>Referências</b> .....	76

## Introdução

*There are no accidents.*

Mestre Oogway

Início este trabalho com um meme no qual há um homem e uma mulher supostamente conversando. Ele pergunta: “você gosta de memes?”, e ela, surpresa, indaga: “memes?”. Logo em seguida, de forma curta e direta, ele diz: “Saia”. Esse é um breve prólogo que denota como os memes permeiam a sociedade atual de forma cada vez mais expansiva, apresentando-se em diversas mídias e extrapolando discursiva e materialmente até mesmo o contexto do mundo virtual. Nesse sentido, é possível inferir, a partir do meme em questão, que é incomum encontrar pessoas que ainda não conhecem esse gênero. No entanto, ao contrário do cavalheiro que pediu para a dama sair, eu convido o leitor a ficar e, caso não conheça o meme, acompanhar a discussão sobre esse gênero, o qual tem sido foco de minha atenção durante os últimos anos; e, para aqueles que já o conhecem, convido à discussão de algumas reflexões acerca de sua constituição e características.

No começo deste capítulo, apresento o trecho do filme *Kung Fu Panda* (2008), que trata de um momento em que um personagem chamado Mestre Oogway reflete sobre as coincidências e os *acidentes* que acontecem no decorrer do filme, de maneira que se mostram como imprescindíveis para seu desfecho. Assim como no filme, considero importantíssimos os *acidentes* ocorridos durante a escrita deste trabalho, uma vez que o tornaram uma jornada surpreendente, instigante e fundamental na minha formação como pesquisador. Talvez aos olhos de alguns o trecho de uma animação pode parecer inadequado para uma dissertação. Todavia, discordo desse entendimento. Argumento que, por exemplo, de certo modo, esse olhar se assemelha à percepção – errônea, a meu ver – do meme, na medida em que ambos, meme e animação, são comumente percebidos como rasos e/ou fúteis pela sua forma. No entanto, pontuo que ambos podem ser imbuídos de grande profundidade em relação ao seu conteúdo.

Desde a ponderação do tema desta dissertação com amigos e colegas, ainda durante a graduação, já tinha a impressão de que realizar este trabalho seria um grande desafio, especialmente em decorrência de diversas nomenclaturas que tratam do meme categoricamente. Além de instruções e direcionamentos do meu orientador Nataniel Gomes, ao longo deste percurso, questionamentos levantados sobre o tema com Mário

Márcio Ribas e Julia Benteo, e, especialmente, inúmeras indagações e discussões com Laryssa Sousa foram *acidentes* ou coincidências de extrema importância para o trabalho aqui apresentado. Destaco também que uma etapa importante da minha formação na graduação foi o meu contato com a abordagem do letramento crítico, por intermédio da professora Nara Takaki, na cidade de Aquidauana, em Mato Grosso do Sul. Em suas aulas pude expandir minha compreensão sobre os temas tratados dentro da sala de aula e relacionados à sociedade. Além disso, desconstruí e reconstruí meu olhar sobre questões presentes no meu contexto, o que me levou a problematizar as teorias com as quais havia tido contato.

Durante a minha trajetória na graduação, sempre tive um olhar atento ao intenso uso de tecnologias digitais no mundo atual. Por conta disso, decidi focar a criação de possibilidades entre novas mídias digitais e gêneros textuais em sala de aula no meu trabalho de conclusão de curso em 2017. Especificamente, utilizei o gênero textual notícia com o aplicativo de mensagens Snapchat para trabalhar aspectos da língua portuguesa com um grupo de alunos do ensino médio de uma escola pública (ANDRADE, 2017). Ao longo de minhas leituras e reflexões, comecei a me interessar mais por gêneros que têm características dinâmicas e, dentre eles, um gênero que chamou minha atenção, em decorrência de seu frequente uso na época, e ainda mais acentuadamente nos dias de hoje, foi o meme.

Ao buscar definições sobre os gêneros textuais, sempre emergiam inquietações e frustrações em relação a como o meme tem sido geralmente interpretado e categorizado. Observei que fatores como o seu comportamento fluido e instável, o espaço que o envolve, suas possibilidades físico-materiais e tecnológicas, seus interlocutores, entre outros elementos e aspectos – têm sido comumente percebidos, tanto pelo público em geral quanto por estudiosos das ciências da linguagem, a partir de um olhar que centra o humano no processo de produção semiótica. Assim, a partir de discussões com meus professores e colegas de sala de aula, decidi estudá-lo de forma mais aprofundada.

Assim, esta pesquisa buscou investigar as particularidades do meme, com ênfase em uma nova proposta para a percepção desse gênero textual. Como o meme é um gênero relativamente novo e se comporta de maneiras diversas, de modo que é capaz de abordar questões políticas, econômicas e sociais, acredito que esta investigação tem um objetivo relevante ao apresentar avanços no escopo de estudos que buscam trabalhar com o assunto, especialmente a partir de perspectivas pós-humanistas.

Deleuze e Guattari (2000) abordam o conceito de *rizoma*. Segundo os autores,

“um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 14). Entendo que esse conceito se aproxima da minha percepção do gênero meme, na medida em que ele se transforma de forma imprevisível, podendo até mesmo sair das mídias digitais, e, por exemplo, ser usado em um painel publicitário ou materializado na forma de um brinquedo/objeto (ver figuras abaixo). Portanto, ele possui uma potencialidade marcadamente rizomática.

**Figura 1** - Meme do caixão



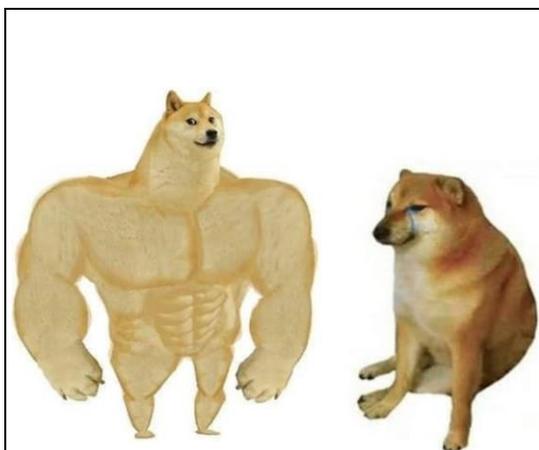
Fonte: Uol (2020).

**Figura 2** - Meme do caixão em outdoor



Fonte: Junior (2020).

**Figura 3** - Meme perro



Fonte: Chirimbote (2020).

**Figura 4** - Meme perro em brinquedo



Fonte: Sensualisimo (2020).

Na Figura 1, apresento o *Meme do caixão*, o qual caracteriza-se por quatro dançarinos que trabalham com o carregamento de caixões em velórios, uma prática comum em Gana, na África. Essa prática é comumente adotada para celebrar a longevidade da vida das pessoas, pois no país a expectativa de vida é de 63 anos (UOL, 2020). Ao lado, na Figura 2, é possível perceber como tal meme é transformado e

adaptado a um outro contexto, nesse caso, brasileiro, em um painel publicitário com a legenda “fique em casa”, com o objetivo de prevenir o contato físico entre as pessoas devido à pandemia decorrente do coronavírus COVID-19.

Na Figura 3, o *Meme perro* compreende a relação de passado e presente, ao construir a ideia de que em um momento anterior as pessoas encontravam-se em uma melhor situação (seja financeira, emocional, física etc.) e, em contrapartida, no momento presente encontram-se em uma situação mais difícil, se comparada à primeira. Ao lado, na Figura 4, notamos a materialização do meme em um objeto comercial, de modo que, em decorrência do meme ter viralizado, o sistema neoliberal o transformou em um produto para capitalizar.

Tal característica se difere de muitos gêneros nos quais há a necessidade de um ponto de partida para sua leitura, como cartas, e-mails, notícias e, até mesmo, o próprio processo de estruturação e construção da leitura ocidental. Em oposição a características comumente associadas a eles, me apoio no conceito de rizoma para compreender o meme. De acordo com Deleuze e Guattari (2000, p. 17),

[u]m rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. [...] Todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. É por isto que não se pode contar com um dualismo ou uma dicotomia, nem mesmo sob a forma rudimentar do bom e do mau. Faz-se uma ruptura, traça-se uma linha de fuga, mas corre-se sempre o risco de reencontrar nela organizações que reestratificam o conjunto, formações que dão novamente o poder a um significante, atribuições que reconstituem um sujeito.

Pauto-me por essa perspectiva para argumentar que, quando se considera o meme exclusivamente como um gênero humorístico, se excluem fatores como seu aspecto irônico, o pano de fundo histórico que pode ser necessário para a compreensão daquele texto, o aspecto cultural que ele pode apresentar etc. Por exemplo, um meme produzido na Espanha pode não ser compreendido no Brasil devido aos aspectos mencionados.

Ainda sobre as Figuras 1 e 2, volto o olhar para os fatores culturais. O meme do caixão diz respeito a como a morte é percebida em uma outra cultura, naquele caso, como uma passagem para um lugar melhor e, por conseguinte, como um acontecimento a ser comemorado, diferente do Brasil, onde o ritual da morte é de pesar e luto. Dessa maneira,

saliente como os memes estão imbricados na vida social, de forma que podem refletir e refutar discursos sociais sobre diversos aspectos políticos, culturais e históricos.

Como outro exemplo, as Figuras 3 e 4 apresentam dois cachorros da raça japonesa shiba inu, cachorro comumente comercializado em pet shops de classe alta. Ao serem apresentados, um revela força física e o outro abatimento e tristeza. Semioticamente, com base em uma perspectiva pós-humanista, essa questão remete à ideia das diferenças entre os corpos – nesse caso específico, como a força física está imbricada com o psicológico das pessoas, uma vez que, naquele meme, é possível observar o estado de segurança e disposição ligado ao corpo forte e o estado de atribulação e desânimo ligado ao corpo menor e mais fraco.

Este estudo oferece contribuições às discussões na área da Linguística Aplicada<sup>1</sup> na medida em que propõe expansões e transgressões de barreiras dos gêneros textuais, tradicionalmente estabelecidas, dentro do escopo dos estudos da linguagem. Como Pennycook (2018a), corroboro a percepção da Linguística Aplicada como um campo em constante transformação que pode se desenvolver a partir de outros campos de estudo, ou, nas palavras do autor, como *assemblages* epistêmicas. É importante pontuar que, apesar de as correntes que seguem Bakhtin (1997) terem uma perspectiva de abordagem do gênero textual como híbrido, não ocorre a consideração de elementos não-materiais de forma agentiva nas discussões, as quais tratam o ser humano como o único agente no processo de significação.

Desde a escrita do projeto de pesquisa para a seleção de alunos para o programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) de 2018, comecei minhas reflexões acerca do gênero meme, com o apoio de perspectivas pós-humanistas. Já ingresso no programa em 2019, um esboço dele foi apresentado na *V Jornada de Educação Linguagem e Tecnologia (V JELT)*, em Campinas, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ao apresentar o meu projeto de pesquisa nesse evento (ANDRADE, 2019), obtive um valioso *feedback* de colegas cujos trabalhos também contemplavam o pensamento pós-humanista, o que desencadeou reflexões sobre particularidades da minha perspectiva concernente ao meme e às suas conceituações. Desse modo, expus minha percepção sobre o meme em relação a diferentes teorias que atualmente o abordam e definem, discuti com colegas outras possibilidades para sua

---

<sup>1</sup> De forma geral, compreendo Linguística Aplicada, neste texto, como um campo das linguagens que trata de questões linguístico-discursivas da vida cotidiana.

compreensão e recebi diversas sugestões de leituras que contribuíram significativamente com o desenvolvimento desta pesquisa.

A discussão aqui apresentada é fundamentada em perspectivas pós-humanistas a partir de estudos tais como os de Hayles (1999), Barad (2003, 2007), Pennycook (2017, 2018b, 2018c), Canagarajah (2018), Ribas (2018, 2019), Sousa (2018), Buzato (2019), Sousa e Pessoa (2019) e Takaki (2019). Com base em trabalhos de autores como esses, entre outros, compreendo que há um entendimento do ser humano não mais como o centro do processo de significação, mas como um dos elementos que estão presentes nesse processo e, por conseguinte, as práticas sociais são percebidas como trocas colaborativas, nas quais a agência é distribuída entre elementos humanos e não-humanos<sup>2</sup>.

Nesse sentido, esta investigação se torna relevante na medida em que proponho uma nova concepção do gênero meme, de maneira que tento desestabilizar percepções até então cristalizadas, a partir desse objeto de pesquisa. Neste estudo, procuro refletir e discorrer sobre as características e nuances do meme, de modo que sua mutabilidade, nessa sociedade que o cria, e que é também por ele constituída, seja levada em consideração. Com base nisso, enfatizo a importância da ressignificação de práticas que às vezes podem ser entendidas de uma única maneira, sem abrir espaço para novas interpretações. Assim, busco desconstruir como o meme vem sendo pensado de forma relativamente reducionista em certas pesquisas, as quais considero que restringem o entendimento de suas possibilidades e características.

Ressalto que em momento algum tenho a intenção de desvalorizar as pesquisas já realizadas sobre o gênero. Meu objetivo é propor uma nova maneira de pensá-lo, por exemplo, ao observar questões que até então não foram enfocadas, ou mesmo consideradas, como o reconhecimento dos elementos não-humanos no processo de significação, a extrapolação das características apontadas por Dawkins (1976), que ainda aparecem fortemente nos estudos da linguagem, e como o gênero transgride categorizações e características atribuídas a ele de forma ininterrupta.

### *Aspectos metodológicos*

---

<sup>2</sup> Apesar da separação entre elementos *humanos* e *não-humanos*, que à primeira vista pode parecer dicotômica, essas entidades são compreendidas de forma emaranhada e interconectada. Esta percepção é defendida por Deleuze e Guattari (2000), e discutida por Takaki (2019), segundo a qual os elementos estão interrelacionados e em constante transformação.

Especificamente, os memes apresentados e discutidos na análise deste estudo são provenientes da página *História No Paint* (2016) da rede social Facebook, a fim de dialogar e refletir sobre os eventos que ocorrem em suas postagens e procurar entender, a partir delas, uma visão do meme como gênero ciborgue – perspectiva que busco desenvolver neste trabalho.

*História No Paint* é uma página com o objetivo de divulgar memes elaborados pelo próprio grupo responsável por ela ou produzidos pelos leitores dela. Tais memes têm a seguinte característica em comum: abordam conteúdos de história de forma lúdica e carnavalesca, que podem tratar de questões sérias relacionadas a aspectos sociais, políticos, históricos, podendo envolver a violência, o preconceito, a discriminação etc. Penso que esse seja talvez o principal fator que a tenha levado ao número de mais de 757 mil seguidores e a ganhar destaque em todo o país (MENDES, 2018; SLEMAN, 2019; VERLY, 2019). A página tem ganhado cada vez mais notoriedade, marcando a sua presença também em outras plataformas: Twitter (2014), Instagram (2018) e Spotify (2019)<sup>3</sup>. Nesse último, o conteúdo produzido não diz respeito a memes, mas a podcasts com conteúdos relacionados à disciplina de História, apresentados de forma lúdica.

A *História No Paint* foi escolhida devido aos seguintes fatores: seu alto número de usuários; sua elevada quantidade de interações com as postagens; os conteúdos relacionados à História abordados nos memes; e pela resignificação expressiva de determinados memes que têm viralizado inesperadamente nas redes sociais. O processo de seleção e análise das postagens foi feito desde o início da pesquisa, em 2019, com base nos seguintes critérios adotados: acentuada e contínua transformação a partir de seu meme original; maior número de interações nas postagens – diversos usuários comentando e compartilhando determinado meme; e uso de uma diversidade de recursos semióticos na construção e transformação de um certo meme. A seleção dos memes ocorreu de março a dezembro de 2019 e a análise escrita deles aconteceu de março a dezembro de 2020.

Para este trabalho, me baseio em uma perspectiva pós-qualitativa (ST. PIERRE, 2011, 2014), de modo que busco relacioná-la a olhares provenientes do Pós-humanismo. A partir dos argumentos de St. Pierre (2011), a pesquisa se torna singular a partir do contexto no qual está inserida. Portanto, diferentes contextos geram diferentes modos de observar, analisar e discutir um trabalho científico. St. Pierre (2014, p. 1) entende que “[u]m estudo de caráter pós-qualitativo é um convite para pensar e fazer investigação

---

<sup>3</sup> Para acessar as páginas, ver *História No Paint* (2014, 2018, 2019).

educacional fora das estruturas normalizadas da epistemologia, ontologia e metodologia humanistas”<sup>4</sup>. Tais estruturas tendem a controlar o fazer da pesquisa, e, nesse sentido, uma proposta pós-qualitativa visa a desestabilizar esse tipo de controle.

Convergente com essa perspectiva e com as reflexões de Takaki (2020a), entendo a pesquisa como algo indissociável de seu pesquisador, uma vez que ambos se entrelaçam numa semiose específica, a qual deve ser considerada no processo de discussão e análise. Takaki (2020a, p. 1) argumenta que

[o] cientificismo apregoa métodos que compactuam com critérios baseados em validade, confiabilidade, dados estatísticos normalmente representados por gráficos, tabelas e comparações resultando num empirismo meramente quantitativo de informações. Esse fazer científico é regido por uma lógica que separa o conhecimento e o objeto de pesquisa do sujeito investigador.

Dessa maneira, em direção às perspectivas do Pós-humanismo, não busco quantificar ou analisar *separadamente* o objeto de pesquisa do meu eu-pesquisador, mas evidenciar como meu contexto, no qual elementos humanos e não-humanos são considerados, influencia o processo de significação e a construção desta pesquisa. Busco desenvolver um estudo que não parte de uma ótica iluminista e positivista que separa em categorias o objeto, mas uma investigação que tenta abarcar a subjetividade do sujeito e o objeto, assim, aproximando-se da proposta pós-humanista. Takaki (2020a, p. 2) argumenta que

[e]m ecossistemas abertos, “traços do sujeito como complexidade e incerteza são características do objeto máquina, implicando uma “auto-eco-organização [...] em que sujeito e objeto nesse processo são constitutivos um do outro” (MORIN, 2005, p. 43). Ou seja, tanto sujeito como objeto permanecem abertos para além da compreensão racional caracterizando a incompletude das relações. Nesse prisma, sujeito e objeto da ciência rompem com a ontologia e epistemologia de outrora, insurgindo consubstancialmente graças ao “princípio autocrítico e autorreflexivo” (MORIN, 2005, p. 44), segundo o qual, as verdades ganham status de verdades biodegradáveis.

Em uma perspectiva similar, Lather (2016, p. 2, grifos no original) defende um movimento

[...] em direção a um “tornar-se com” de maneiras ainda não codificadas, em que um pesquisador resiste ativamente à sua própria interpretação em direção

---

<sup>4</sup> Original: “[p]ost qualitative inquiry is an invitation to think and do educational inquiry outside normalized structures of humanist epistemology, ontology, and methodology”.

a uma “subjetividade diferente [de] uma posição de sujeito não experimentada anteriormente” (Jackson & Mazzei, 2012, p. 133).<sup>5</sup>

A partir dessas reflexões, compreendo que, ao analisar o meme como gênero ciborgue, não devo tentar categorizá-lo para não limitar a percepção de suas possibilidades transformativas, elencando suas características, mas observar seu comportamento, a meu ver, instável, e refletir sobre como considerar a materialidade no processo de significação pode abrir novas perspectivas de interpretação desse gênero em específico. Dessa maneira, não busco fazer uma análise meramente discursiva, mas discursivo-material, de modo a considerar fatores não-humanos que apresentam carga significativa juntamente com as entidades humanas.

Para fundamentar esse argumento, recorro a Barad (2007), que apresenta o conceito de *intra-ação*. Segundo a autora, existem diferenças entre a interação e a *intra-ação*. Na interação, ocorre uma conexão, ou relação, de duas ou mais entidades ou elementos, os quais mantêm suas particularidades individuais. Já na *intra-ação*, esses dois ou mais elementos ou entidades se coconstituem mutuamente, formando algo novo, não separado por linhas divisórias; além disso, a mutação contínua é inerente a esse processo. Nas palavras da autora,

[a] noção de *intra-ação* (em contraste com a típica “interação”, que pressupõe a existência prévia de entidades independentes ou relacionadas) representa uma profunda mudança conceitual. É através de *intra-ações* agenciais específicas que os limites e as propriedades dos componentes dos fenômenos se tornam determinados e que conceitos particulares (isto é, articulações materiais particulares do mundo) se tornam significativos. [...] Crucialmente, então, as *intra-ações* promovem a separabilidade agentiva – a condição da exterioridade dentro dos fenômenos. A noção de separabilidade agentiva é de fundamental importância, pois, na ausência de uma condição ontológica clássica de exterioridade entre observador e observado, ela fornece uma condição ontológica alternativa para a possibilidade de objetividade. [...] Portanto, a noção de *intra-ação* constitui uma reformulação da noção tradicional de causalidade.<sup>6</sup> (BARAD, 2007, p. 139-140, grifo no original).

<sup>5</sup> Original: “[...] toward a “becoming with” in ways not already coded, where a researcher actively resists their own interpretation toward a “different subjectivity [of] a subject position not previously experienced” (Jackson & Mazzei, 2012, p. 133)”.

<sup>6</sup> Original: “[t]he notion of *intra-action* (in contrast to the usual “interaction,” which presumes the prior existence of independent entities or relata) represents a profound conceptual shift. It is through specific agential *intra-actions* that the boundaries and properties of the components of phenomena become determinate and that particular concepts (that is, particular material articulations of the world) become meaningful. [...] Crucially, then, *intra-actions* enact agential separability – the condition of exteriority - within-phenomena. The notion of agential separability is of fundamental importance, for in the absence of a classical ontological condition of exteriority between observer and observed, it provides an alternative ontological condition for the possibility of objectivity. [...] Hence the notion of *intra-action* constitutes a reworking of the traditional notion of causality”.

Como pontuado, tenho como objetivo geral investigar o gênero meme a partir da página *História No Paint* na rede social Facebook, pautando as reflexões aqui apresentadas por perspectivas pós-humanistas. Especificamente, as perguntas que orientam esta investigação são as seguintes:

- 1) O que o meme, em sua configuração rizomática, engloba em termos material-discursivos, a partir de uma leitura pós-humanista?
- 2) Como o meme, como gênero ciborgue, se (trans)forma e quais elementos o constituem?

Assim, com a realização deste trabalho, espero que outros pesquisadores possam aprofundar discussões relacionadas aos assuntos aqui tratados e desenvolver outras reflexões acerca do meme, gênero tão presente na sociedade atual. Por fim, por meio deste trabalho, busco contribuir com os estudos da Linguística Aplicada, especialmente com aqueles que enfocam questões semiótico-materiais.

Além da introdução e das considerações finais, este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, exponho reflexões sobre a sociedade pós-tipográfica – contexto de ascensão do meme –, e desenvolvo as ideias do Pós-Humanismo que estão relacionadas à investigação. Em seguida, no segundo capítulo, traço os aspectos sobre o meme e discorro sobre ele como gênero ciborgue. No terceiro capítulo, apresento uma discussão sobre os memes selecionados a partir da página *História No Paint* (2016) na rede social Facebook.

## Capítulo 1

### A sociedade pós-tipográfica, Pós-humanismo e suas implicações

Neste capítulo, em um primeiro momento, busco apresentar um panorama da sociedade atual e suas características quanto aos meios de comunicação e às suas respectivas práticas sociais. Em seguida, apresento a perspectiva pós-humanista e suas implicações na Linguística Aplicada.

#### 1.1 Uma sociedade pós-tipográfica

O mundo atual, impulsionado pelo advento das tecnologias digitais, se tornou cada vez mais rápido e fluido. Segundo Duboc (2015, p. 666), houve um desenvolvimento de uma sociedade tipográfica, “cujos processos de significação pautavam-se prioritariamente no uso da linguagem verbal reproduzida em mídias impressas”, para uma sociedade pós-tipográfica, “cuja produção de sentido passa a fundamentar-se em usos complexos e variados de modos semióticos nunca antes vislumbrados, processo este que complexifica a própria ideia de linguagem e de texto na contemporaneidade”. De acordo com Soares (2002, p. 149),

[n]os primórdios da história da escrita, o espaço de escrita foi a superfície de uma tabuinha de argila ou madeira ou a superfície polida de uma pedra; mais tarde, foi a superfície interna contínua de um rolo de papiro ou de pergaminho, que o escriba dividia em colunas; finalmente, com a descoberta do códice, foi, e é, a superfície bem delimitada da página – inicialmente de papiro, de pergaminho, finalmente a superfície branca da página de papel. Atualmente, com a escrita digital, surge este novo espaço de escrita: a tela do computador.

A última autora complementa que, desse modo, é perceptível como o espaço da escrita está ligado também aos gêneros e à sua utilização, ao formar diferentes práticas de linguagem e formas de leitura e, conseqüentemente, novos gêneros. De forma geral, Soares (2002) cita exemplos de como não era possível escrever textos demasiadamente longos em uma tábula de pedra ou em argila, devido às dificuldades para que pudessem ser transportados, o que caracterizava aquele espaço de texto como meio de um tipo de produção textual concisa. Nessa perspectiva, ela pontua que

[o] espaço de escrita condiciona[va], sobretudo, as relações entre escritor e leitor, entre escritor e texto, entre leitor e texto. A extensa e contínua superfície do espaço de escrita no rolo de papiro [...] impunha uma escrita e uma leitura sem retornos ou retomadas. (SOARES, 2002, p. 150).

Assim, em uma sociedade tipográfica era comum o texto de estrutura linear e com modos restritos de leitura, em comparação aos existentes na atualidade. Apesar de ser a tecnologia disponível na época, isso parece demonstrar que esse aspecto, de certa forma, estava diretamente relacionado ao modo como a sociedade produzia e reproduzia significados e, até mesmo, suas atitudes em atividades sociais.

Como a autora explica, com o advento das tecnologias digitais, em uma sociedade pós-tipográfica, o espaço do texto se torna outro, pois agora, por meio do computador, surge uma nova codificação e processo de leitura. Em suas palavras,

[n]o computador, o espaço de escrita é a tela, ou a “janela”; ao contrário do que ocorre quando o espaço da escrita são as páginas do códice, quem escreve ou quem lê a escrita eletrônica tem acesso, em cada momento, apenas ao que é exposto no espaço da tela: o que está escrito antes ou depois fica oculto (embora haja a possibilidade de ver mais de uma tela ao mesmo tempo, exibindo uma janela ao lado de outra, mas sempre em número limitado). (SOARES, 2002, p. 150, grifo no original).

Destarte, a autora coloca em evidência, com esse novo espaço de leitura, a possibilidade de novos meios de produzir a escrita. Anteriormente, na cultura ocidental, ela era considerada um processo marcadamente linear, tanto no que se referia ao desenvolvimento do texto quanto à sua leitura: da esquerda para a direita, de cima para baixo, página por página, por exemplo. Em contrapartida, observa-se, com a criação do computador, o surgimento do hipertexto: “um texto móvel, caleidoscópico, que apresenta suas facetas, gira, dobra-se e desdobra-se à vontade frente ao leitor” (LÉVY, 1999, p. 56). Assim, com o surgimento do computador, houve uma explosão nas possibilidades para os processos de escrita e leitura.

O hipertexto abrange características diversas do texto convencional, como, por exemplo, suas várias possibilidades de leitura, que são feitas de acordo com seu leitor. Contudo, no caso do hipertexto, o processo de leitura é multilinear e multisequencial. Por conseguinte, links gerados a partir de um determinado tópico possibilitam que o leitor abra uma nova aba de leitura que o permite acessar outros assuntos e, então, voltar à aba inicial, se achar necessário (LÉVY, 1999).

Em síntese, as novas possibilidades de significação decorrentes desse processo desencadeiam: a) novos modos de interação entre escritor e leitor, escritor e texto, leitor e texto; b) novas práticas de letramento; e, conseqüentemente, c) novos gêneros circulando nas esferas sociais (SOARES, 2002). Considerar esses novos meios de

comunicação e como influenciam as práticas sociais é um trabalho que não deve ser ignorado, pois é dessa forma que poderão ser estabelecidos novos objetos de análise para pesquisas, tanto no que se refere ao processo de significação quanto à construção de novos gêneros (práticas de letramento) que emergem na sociedade.

Reinking et al. (1998) enfatizam, em relação ao termo *pós-tipográfico*, que *pós* se refere a algo que vem depois, que é subsequente, enquanto que *tipográfico* diz respeito à origem da escrita, com a criação de imagens para a impressão em papel e, de modo mais genérico, pode estar relacionado a qualquer aspecto visual de qualquer texto e a como esses aspectos visuais podem influenciar o processo de leitura. Giesbrecht (2009) acrescenta que a tipografia molda como a linguagem é vista, e enfatiza o desenvolvimento das tecnologias digitais, pois, a partir delas, surgem novos usos da linguagem e uma nova proposta tipográfica com suas próprias características, gramática, sintaxe e regras.

De acordo com Reinking et al. (1998), em um *mundo pós-tipográfico*, a sociedade é caracterizada por não ter o texto propriamente escrito como forma dominante de comunicação. Os autores salientam como a tipografia molda a língua e torna o mundo escrito *visível* e enfatiza como a tela digital tem sido o modo como grande parte da população consome informação. Assim, eles ressaltam a importância de como o texto é escrito e disponibilizado. A partir dessa visão, Reinking et al. (1998) apontam como esse estágio ainda não foi atingido por completo, pois ainda acontece um uso expressivo de textos escritos que não contemplam o formato do hipertexto e da multimodalidade. Desse modo, de acordo com o autor, a nossa sociedade não pode ser considerada totalmente pós-tipográfica, pois ainda utiliza bastante e depende de textos escritos.

Além disso, eles salientam que nossos processos de leitura e escrita são ainda fortemente influenciados e, inclusive, moldados pela cultura tipográfica de séculos atrás. Nessa perspectiva, a forma, a disposição e o desenvolvimento do texto, por exemplo, constroem e afetam a nossa interpretação e comunicação. Ademais, pontua que as características do texto escrito, sejam elas a fonte, o formato, a construção de frases etc., podem fazer com que o leitor sinta uma conexão direta com o trabalho do autor, com base nos aspectos com os quais se identifica. Um exemplo disso é apresentado por Murphy (2017), no qual o fato de um pesquisador utilizar uma fonte considerada “simples” para a sua apresentação em um evento acadêmico desencadeou discussões sobre a relação entre a forma e o conteúdo do trabalho, de maneira que a escolha da fonte para o texto levou ao questionamento da relevância do conteúdo exposto.

Ainda para Reinking et al. (1998), novas disposições textuais, não centradas apenas no texto escrito, podem influenciar fortemente a vida da nova geração de adultos. Os contextos entre as gerações podem diferir enormemente, principalmente no mundo atual, repleto de rápidas e constantes mudanças tecnológicas, de maneira a gerar novas práticas sociais que podem emergir dessas novas disposições textuais.

A partir dessas novas proposições, Reinking et al. (1998) e Giesbrecht (2009) ressaltam como surge, por exemplo, o texto pós-tipográfico, caracterizado pelo texto em ambiente digital, disposto de forma colaborativa em relação à sua construção e alteração. Desse modo, há uma transformação em comparação ao texto tipográfico, devido aos aspectos tecnológicos que constituem a sociedade atual. Consequentemente, o meme expande suas características na medida em que as mídias digitais se alteram, de acordo com seu contexto. Portanto, o meme é caracterizado pelo seu aspecto transformativo e adaptável, seu potencial performativo e sua presença em diversas mídias.

## **1.2 O Pós-humanismo, suas implicações e a linguagem**

Em consonância com essa nova realidade, teóricos como Hayles (1999), Pennycook (2017, 2018b, 2018c), Canagarajah (2018), Ribas (2018, 2019), Sousa (2018), Buzato (2019), Sousa e Pessoa (2019) e Takaki (2019) abordam uma proposta para entender como se dão as relações materiais e discursivas e refletir sobre o posicionamento centralizado do ser humano na sociedade tanto no presente quanto no passado e no futuro. Essa perspectiva, denominada pós-humanista, passa a considerar uma prática mais distribuída de agência, com o objetivo de perceber conexões entre os elementos humanos e não-humanos que compõem o ambiente e o espaço e ressignificá-las.

Com base nisso, tudo o que cerca o ser humano passa a ser extensão dele, não como extensão a partir de um centro ou ponto de partida, mas sim no sentido de um plano horizontal no qual a agência é distribuída entre as entidades envolvidas (HAYLES, 1999). Aliado a isso, Ribas (2019, p. 613) acrescenta que

[o] movimento do pós-humanismo propõe repensar não só a centralidade atribuída ao ser humano nas práticas sociais e epistêmicas, como a própria visão histórica humanista do sujeito. Braidotti (2013) indica que é preciso ver de outras maneiras as relações que se estabelecem entre todos os elementos presentes no espaço, quer sejam humanos ou não. Como consequência, áreas de conhecimento como a Linguística Aplicada e a Educação também necessitam ser reconfiguradas para se alinharem a esse novo modo de concepção dos agentes e da estrutura social.

A partir dessa perspectiva, desconstruem-se dicotomias como interno/externo e humano/não-humano em direção a um pensar distante de binarismos. Por conseguinte, língua e cognição são entendidas não como particularidades do ser humano, mas como elementos que estão distribuídos no espaço entre objetos e pessoas. Para a Linguística Aplicada Pós-Humanista (BUZATO, 2019, 2020; PENNYCOOK, 2018b, 2018c; RIBAS, 2019; SOUSA, 2018; SOUSA; PESSOA, 2019; TAKAKI, 2019), as competências linguísticas não são percebidas como uma capacidade individual, ou como algo do qual nos apropriamos. Nessa linha de pensamento, o processo comunicativo não é exclusivamente humano, mas envolve o espaço no qual elementos semióticos diversos estão presentes, criando significados e efeitos a partir das relações que se estabelecem entre entidades humanas e não-humanas, que agem umas sobre as outras (CANAGARAJAH, 2018; PENNYCOOK, 2018b, 2018c; RIBAS, 2019; SOUSA, 2018; SOUSA; PESSOA, 2019; TAKAKI, 2019).

Assim, percebo que não é o ser humano que significa as práticas, mas todo o emaranhado de relações que seres humanos e não-humanos constroem. Exemplos disso são os episódios de apedrejamento e destruição de estátuas de colonizadores dos Estados Unidos como reação ao seu significado segregador e racista (MACHEMER, 2020; MIYAKI, 2020) e o episódio que levou à indignação e à revolta dos alunos da Universidade de Cape Town em relação ao monumento presente em seu campus, o qual representa esse tipo de figura (MURRIS, 2016). Percebo, dessa forma, que elementos materiais não precisam necessariamente do humano em sua produção de sentido, na medida em que eles por si só nos interpelam de diversas formas.

Dessa maneira, “o Pós-humanismo nos impulsiona a perguntar como e o porquê nós fomos levados a pensar o ser humano de certas maneiras, com fronteiras particulares entre humanos e animais, humanos e artefatos e humanos e natureza”<sup>7</sup> (PENNYCOOK, 2018b, p. 6). A partir dessa perspectiva, enfatizo que questões concernentes à materialidade começam a emergir.

O Pós-humanismo<sup>8</sup>, segundo Buzato (2020, on-line), “é abordado por diversos teóricos das [áreas] linguagens, exatas e médicas que estão repensando o ser humano em vista das transformações das ideias sobre o ser provenientes do iluminismo e [do]

---

<sup>7</sup> Original: “Posthumanism urges us to ask how and why we have come to think about humans in particular ways, with particular boundaries between humans and other animals, humans and artefacts, and humans and nature”.

<sup>8</sup> Optei pelo uso da palavra Pós-humanismo com letra maiúscula, pois ao usá-la me refiro a um campo específico de estudos.

humanismo”. A partir da perspectiva pós-humanista, considera-se o ser humano não como excepcional e no topo de uma organização hierárquica, mas como um ser relacional (BUZATO, 2020).

Um outro dos pontos do Pós-humanismo é abordar a natureza humana como inter-relacionada com a natureza em si, de maneira que não há uma separação entre as duas, sendo elas, portanto, percebidas como indissociáveis. De acordo com Buzato (2020), isso implica o afastamento do pensamento de que o ser humano é o senhor da natureza e das máquinas, em contrapartida, apontando para a sua percepção como uma extensão delas. Dessa maneira, a partir dessa perspectiva, considerar o humano como tudo o que é vital implica entender que os direitos humanos não existem apenas para o homem, branco, europeu, heterossexual, dentre outras categorias hegemônicas, e não restringir o vital ao biológico, de modo que possam ser incluídas as máquinas e o planeta como um todo (BUZATO, 2020, on-line). Esse posicionamento direciona um novo olhar para como entendemos o que significa ser humano e não-humano.

Somado a isso, Braidotti (2016) enfatiza a importância das questões éticas que devem orientar os nossos trabalhos. Nesse sentido, o Pós-Humanismo não se apresenta como um “vale-tudo” de interpretações, embora seu escopo seja amplo. A principal questão é não considerar o ser humano como centro, mas junto aos elementos não-humanos, em uma direção não-hierárquica, para então, assim, pensar as questões éticas.

A escolha do meme como objeto de pesquisa emerge de estudos que partem da Linguística Aplicada, com a intenção de verificar definições e entendimentos sobre os gêneros e suas esferas sociais, a partir de reflexões que me levaram a compreendê-lo como algo que flui entre as definições existentes, ora que se encaixa em uma conceituação, ora que a desestabiliza. Desse modo, utilizo neste trabalho o Pós-Humanismo como um termo guarda-chuva (PENNYCOOK, 2018c) e, mais especificamente, volto o olhar para uma Linguística Aplicada Pós-Humanista, que tem a potencialidade de relacionar diversas perspectivas para uma compreensão mais holística dos fenômenos observados. Buzato (2019, p. 480) defende que

o fato de que o pós-humanismo é menos uma teoria do que uma revisão da relação entre teoria e prática em todos os cantos das ciências humanas torna indispensável que um campo de pesquisa como a Linguística Aplicada aí se embrenhe para se repensar. A LA é convocada a isso, em especial porque, ao tomar como sua missão “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (MOITA LOPES, 2009, p. 19) e, como sua vocação, construir seus próprios objetos a partir de percursos inter e transdisciplinares de investigação (SIGNORINI, 2008), tudo o que abrange a

relação do humano com seus outros constitutivos no seio de práticas materiais, sociais e discursivas, a ela importa.

A perspectiva da Linguística Aplicada Pós-Humanista cria novas possibilidades de pesquisa, em diversos campos, com um olhar voltado não apenas para o processo escrito/verbal de comunicação, mas também para os diversos outros fatores que compõem a semiose da comunicação, sejam eles humanos ou não-humanos (BUZATO, 2019). Assim, creio que seja relevante criar possibilidades de estudo sob a perspectiva da Linguística Aplicada Pós-Humanista, de modo a democratizar os estudos que emergem de práticas sociais da sociedade atual, muitas vezes marginalizadas. Em especial, neste trabalho, focalizo o gênero marginal meme, que é comumente percebido e tratado como *brincadeira*, como enunciado sem profundidade e/ou relevância.

Apesar de este trabalho poder ser vinculado a outras linhas de pesquisa, dentro da área dos estudos linguísticos, foi inicialmente a partir de leituras de textos de linguistas aplicados que pude refletir sobre o meu objeto de análise e relacionar as formas de linguagem, com as quais trabalho, a conceitos do Pós-humanismo.

Dessa maneira, me apoio em perspectivas embasadas nesse movimento na tentativa de compreender como as entidades presentes no espaço, humanas e não-humanas, têm agência no processo de significação. Ademais, pauto minhas reflexões nesta praxiologia<sup>9</sup> (SOUSA; PESSOA, 2019) com o intuito de questionar e desafiar percepções de determinados gêneros e conceitos já estabelecidos. Assim, nesta pesquisa, entendo a agência das entidades como descentralizada e distribuída, de modo que são percebidas como indissociáveis uma das outras.

---

<sup>9</sup> O termo é usado pelas autoras para se referirem a ambas teoria e prática, as quais elas percebem como elementos integrados e indissociáveis.

## Capítulo 2

### Memes

Neste capítulo, primeiramente, discuto conceituações do meme. Sequencialmente, apresento diferentes tipos de memes a fim de demonstrar seu caráter fluido e dinâmico, de maneira que entrelaço essas percepções com leituras pós-humanistas. Assim, objetivo fundamentar como o gênero meme tende a fugir de classificações, na medida em que se adapta ao ambiente no qual se encontra e quebra paradigmas tradicionais de definições de gêneros. Desse modo, busco refletir acerca do reconhecimento dos elementos não-humanos e de sua agência na produção semiótica. Em seguida, exponho uma outra possibilidade para compreender o meme, de modo a percebê-lo como um gênero ciborgue, ao recorrer a reflexões embasadas em perspectivas pós-humanistas.

#### 2.1. Definições preliminares

O advento das tecnologias digitais no mundo atual teve grande impacto nas relações sociais de considerável parte da população mundial. A partir dessas mudanças, as formas de compreensão de como estabelecemos sentido se modificaram, de modo que passaram de processos lineares para processos mais fluidos e subjetivos.

Os memes podem tomar formas de palavras, imagens, fotos, gifs, áudios, vídeos e/ou outros meios, com o objetivo de expressar bordões, ideias, fragmentos de ideias, gírias, comportamentos, falas, costumes etc. Com base em sua concepção original, o meme se torna qualquer elemento semiótico que se multiplica na sociedade, independentemente do formato, por meio das redes sociais, mas também por meio de diferentes tipos de mídias gerais (SOUZA, 2014).

Um dos primeiros conceitos acerca do meme surgiu a partir da obra de Dawkins, *O gene egoísta*, publicada em 1976, na qual ele o relaciona aos estudos da área da genética. O termo é utilizado pelo autor para descrever pequenas unidades de cultura, como comportamentos, valores e ideologias, que se espalham de pessoa para pessoa através da cópia ou imitação. Nessa obra, ele defende que um meme pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro. Desse modo, constitui-se uma unidade mínima de memória, um gene cultural que se espalha, indivíduo a indivíduo (DAWKINS, 1976).

É importante ressaltar que a perspectiva de Dawkins não reflete a forma como

percebo o meme. Todavia, retomo o trabalho do autor pelo seu impacto nas diversas pesquisas na área da linguagem e por ser útil, a meu ver, como um ponto inicial para a desconstrução do paradigma positivista, que por muito tempo determinou um único modo de fazer ciência, de acordo com o qual o pesquisador deveria se pautar por dados exatos, observação direta, relações de causa e efeito, ignorando possíveis variantes de tempo e espaço. Ao seguir essas orientações, o pesquisador tende a padronizar seus dados e generalizar seus resultados (MOITA LOPES, 1994; SANTANTA; SOBRINHO, 2007), atitudes e procedimentos os quais têm pautado a maneira como o meme vem sendo entendido e tratado ao longo dos anos.

Observo o meme como um gênero discursivo do ambiente digital, e acrescento que ele se propaga para além dessa esfera. Ao considerar isso, Guerra e Botta (2018, p. 1860) observam que

[o] desenvolvimento desses novos gêneros está intimamente ligado às inovações tecnológicas e às possibilidades de interação oferecidas pelos novos suportes, como a internet, que é um meio de comunicação diferente dos demais. Ela tem como características essenciais a velocidade (de envio e de propagação), a interatividade, a hipertextualidade e a multi/hipermidialidade. Aos poucos, essas características começaram a ser exploradas, dando origem a novos hábitos comunicativo-sociais.

Dawkins (1976) apresenta uma metáfora para formular uma teoria para a evolução de genes, segundo a qual um gene se replica de um ser humano para outro, como uma herança social, sendo passada de uma pessoa à outra na forma de: comportamentos, valores, hábitos, entre outros elementos particulares de cada indivíduo. *Mimeme* é um termo de origem grega, que significa imitação (e, também, memória), o qual foi adaptado pelo autor a um termo mais curto que pudesse soar como *gene*: meme.

Dawkins (1976) aborda o meme como um elemento replicante, independentemente de seu conteúdo, e que busca apenas e exclusivamente sua sobrevivência, ao se replicar. Por conseguinte, o nomeia como *o gene egoísta*. Souza (2014) afirma que, na obra de Dawkins (1976), o meme pode ser considerado como uma ideia que se propaga por si própria, praticamente como uma estrutura viva. Um grupo de um canal do YouTube, chamado *Acima da Média*, fez um vídeo com o objetivo de apresentar uma resenha sobre a obra do autor. Segundo o responsável pelo canal,

[o] gene egoísta explica o evolucionismo e a seleção natural colocando o gene como unidade básica de seleção. Não são selecionados os organismos, nem espécies; os genes mais aptos é que são selecionados. O gene é egoísta e só se

preocupa com a própria sobrevivência. Comportamentos que chamamos de imorais podem ser resultado de tendências genéticas que propiciam a replicação de genes. Comportamentos de traição e violência podem ser resultado de características genéticas selecionadas, mas isto não deve servir de justificativa para atos considerados imorais. Os seres humanos podem pensar e ponderar sobre seus atos. (ACIMA DA MÉDIA, 2017, on-line).

Nessa perspectiva, Dawkins (1976) desenvolve sua teoria de modo que busca caracterizar as particularidades do meme para a sua existência, a saber: *fidelidade*, *fecundidade* e *longevidade*. *Fidelidade* está relacionada a manter suas características originais em suas réplicas; e, conseqüentemente, quanto mais ele não se alterar ao se replicar, mais fiel ele será. *Fecundidade* diz respeito à sua propagação e a quanto uma ideia ou algo pode ser reproduzido de maneira ágil. *Longevidade* refere-se à duração de vida do meme; ou seja, quanto mais ele viver, mais cópias poderá fazer.

Nessa linha de raciocínio, Souza (2014) questiona se o fato de atribuir a replicação de informações aos memes não torna o ser humano apenas um recipiente de informação, ao desconsiderar sua intencionalidade. Entendo que a definição de meme de Dawkins remete à visão humanista de comunicação, ao considerar um ponto central a partir do qual ela parte. Corroboro a reflexão de Souza (2014), em relação à perspectiva de Dawkins, no que concerne à desconsideração do ser humano no processo de informação e, assim, somente a agência do meme no processo de replicação. Desse modo, de acordo com a perspectiva de Dawkins (1976), onde há duas ou mais pessoas trocando informações, por exemplo, a significação é atribuída apenas à língua (no seu sentido mais estrutural) e, assim, elementos que fazem parte de sua extensão são desconsiderados; ou seja, seres não-vivos, gestos, sons, imagens e toda a materialidade presente no contexto não produzem impactos ou têm agência na significação, de acordo com essa visão.

Nesse sentido, ao mencionar o estruturalismo, Canagarajah (2018) questiona a ideia de língua como uma organização que tem sentido em si mesma, como uma estrutura fechada. Nessa perspectiva, outras modalidades de comunicação, como a visual e a gestual são separadas da língua e, desse modo, cria-se uma hierarquia que privilegia a língua escrita. Reforço a visão do autor, pois conceber a língua e outras atividades humanas como autônomas, que têm sentido em si mesmas, por meio de estruturas, tende a reforçar a noção de homogeneidade, normatividade e controle, os quais criam e estabelecem hierarquias em relação à matéria (entendida aqui como materialidade que nos rodeia e forma nossos corpos), de modo que a produção de significados desconsidera todos os outros elementos como agentes nesse processo. Canagarajah (2018) defende que devemos perceber o espaço como um dos elementos que impactam diretamente nossas

posturas na criação de enunciados e ter uma visão de língua mais aberta, heterogênea e em constante transformação.

No que tange à discussão pós-humanista, ao levar em conta os aspectos discursivo-materiais do processo de significação, é importante também considerar as hierarquias e desenvolver um olhar crítico em relação a como elas funcionam, a quem privilegiam e prejudicam. Essas questões não se restringem apenas a hierarquias sociais relacionadas aos seres humanos, mas também a animais e elementos materiais. Por exemplo, é importante considerar questões éticas em relação a algoritmos que são intencionalmente disponibilizados para usuários de sites com o objetivo de induzi-los a agir de determinadas maneiras (BUZATO, 2020). Outro exemplo, relacionado aos animais, mas que está diretamente conectado ao racismo, diz respeito a como cães e gatos pretos têm menor probabilidade de serem adotados do que animais domésticos de cores claras (GLETTE, 2019; HAYRAN, 2020), revelando como as cores de outros seres podem refletir um fator discriminatório proveniente da esfera humana, mas que a extrapola. Essas discussões que emergem das perspectivas pós-humanistas se aproximam do letramento crítico (BARBOSA; MACIEL, 2018; MACIEL; TAKAKI, 2017), na medida em que trazem à tona questões sobre inequidades e injustiças sociais que possuem um escopo mais amplo do que apenas o humano.

Com o objetivo de buscar um entendimento para o meme que possa dialogar diretamente com a proposta de uma Linguística Aplicada Pós-humanista, e a fim de fomentar reflexões sobre como alguns autores percebem os gêneros, recorro primeiramente à definição proposta por Bakhtin (1997, p. 279, grifos no original), que considera que

[a] utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

Em relação à discussão sobre gênero, Bakhtin (1997) o entende como *enunciados relativamente estáveis*. Todavia, apesar das correntes de inspiração bakhtinianas terem

uma abordagem do gênero textual como híbrido, visualizo que a perspectiva pós-humanista avança no que tange à consideração da propriedade agentiva e coconstitutiva de elementos não-humanos na produção de sentido, entendimento que amplia a visão para além da esfera humana. Para Bakhtin (1997, p. 279),

[a] riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa.

Como o autor reforça, pode se perceber que essa definição de gênero abarca elementos sociais e linguísticos para a sua conceituação, mas centrada na atividade humana. Porém, enfatizo que, para uma perspectiva pós-humanista, essa definição não leva em consideração a agência dos elementos não vivos, em sua conceituação de gênero, já que ao estabelecer como uma das condições as situações enfocadas em interações exclusivamente humanas, ele acaba mantendo uma perspectiva relativamente humanista, pois centraliza o ser humano no processo de significação, na medida em que a vitalidade e a agentividade da matéria são ignoradas.

## **2.2 Uma proposta de conceituação**

Busco, nesta seção, distanciar-me da definição de meme proposta por Dawkins (1976) e de gênero proposta por Bakhtin (1997) e desenvolver definições que, em minha percepção, se aproximam consideravelmente de uma perspectiva pós-humanista da linguagem.

O gênero meme pode ser encontrado em diversos formatos – ver exemplos nas figuras abaixo –, como em textos escritos, imagens, imagens com textos, gifs, áudios, vídeos, de modo que é criada uma simbiose de diversas manifestações semióticas em constante transformação. Essa mutação ocorre a partir do momento em que o gênero entra em contato com pessoas diferentes, ou seja, o emissor e o receptor podem ter interpretações diferentes e, assim, produzir novas ideias, até mesmo em outros formatos, a partir de um mesmo meme. Por conseguinte, nesse processo, os memes podem ser ressignificados.

**Figura 5 - Willy Wonka (1971)**



Fonte: Canal 13 (2016).

**Meme imagético:** constituído de imagem, podendo também conter texto escrito.

**Figura 6 - Tweet do Neymar**



**Neymar Jr** ✓  
@neymarjr



To chegando com os refrii rapaziada !!

18:34 - 20 de jun de 2011

**72,5 mil** RETWEETS    **22 mil** CURTIDAS

Fonte: Medium (2019).

**Meme textual:** constituído apenas de texto.

**Figura 7 - Kombucha girl**



Fonte: Tecno (2019).

**Meme vídeo:** constituído apenas de vídeo.

**Figura 8 - Mulher dançando e bebendo**

Vida amorosa: não tenho  
 Vida acadêmica: fudida  
 Vida social: uma merda  
 Vida financeira: não tenho nem 2 reais



@estaciadepressao  
 Estácio da Depressão

Fonte: Eu sou do deboxy (2019).

**Meme vídeo-textual:** constituído de vídeo com pequenas frases ou diálogos.

**Figura 9** - Mulher finge estar surpresa



Fonte: Redbubble (2020).

**Meme gif:** constituído somente de gif, podendo ter frases dentro ou junto dele.

**Figura 10** - Áudio da cantora Anitta



Fonte: Santanna (2018).

**Meme áudio:** constituído de um áudio que é geralmente curto.

O gênero meme tem como uma de suas características a sua grande mutabilidade, pois se adapta ao contexto em que se localiza e gera novos significados a partir de seu criador, receptor, espaço e elementos presentes nele. Essa característica está intimamente relacionada à perspectiva pós-humanista (BARAD 2003, 2007; PENNYCOOK, 2018b, 2018c; TOOHEY, 2018, 2019), pois representa um exemplo claro de como todas as entidades presentes no espaço são dotadas de agência no processo de significação.

Murris (2016) discorre sobre o conceito de *agência performativa*. Nessa perspectiva, os elementos ou a matéria têm agência. Portanto, o ser humano não é mais o único capaz de produzir, agregar e/ou retirar significados de eventos semióticos. A autora ressalta que

[a]ceitar que o material em nossas vidas também tem poder e agência, e perceber que os corpos (inclusive os nossos) sempre intra-agem [ou seja, têm uma relação entre si de modo a não haver separação um do outro] com o discurso, pode abrir um espaço para uma noção de *justiça*, que inclui, mas vá além da justiça *social*.<sup>10</sup> (MURRIS, 2016, p. 282-283, grifo no original).

Nesse sentido, o Pós-humanismo possui um amplo escopo que também pode tratar de questões que envolvem as várias identidades humanas, enfocando, por exemplo, raça, gênero, sexualidade, classe etc. Assim, resalto a questão da percepção dos corpos que a autora aborda como uma das questões que emergem com as perspectivas do Pós-humanismo, de forma que ao descentralizar o ser humano do processo de significação, também abrimos espaço para ressignificar a própria constituição ontológica humana.

Essa é uma visão que considera a matéria como coprodutora de significados. Por conseguinte, os efeitos da sua agência no processo de significação podem promover um processo diferente de interpretação. Além disso, a partir desse entendimento, a construção de significados não se dá por meio de um percurso linear, mas fluido e indeterminado – marcadamente rizomático –, de maneira que pode se alterar de infinitas formas e, assim, conduzir a infinitas possibilidades de significação. Para Canagarajah (2018), essa perspectiva desafia o paradigma estruturalista, ao problematizar a noção da língua como sistema isolado. Há uma atenção especial voltada aos elementos não-humanos situados no espaço, de forma que eles são percebidos como agentes, em um processo com os seres humanos, na construção de significados.

---

<sup>10</sup> Original: “[a]ccepting that the material in our lives also has power and agency, and realising that bodies (including our own) always intra-act [that is, they relate to each other in a way that there is no division among them] with the discursive, can open up a space for a notion of *justice*, that includes, but goes beyond, *social justice*”.

Um exemplo disso é como a disposição do teclado de computador, como o conhecemos, com padrão QWERT<sup>11</sup>, nos é apresentado. Considerar que suas posições, até certo ponto, influenciam a escrita e a comunicação torna-se relevante uma vez que tal função tem determinados objetivos e produz certos efeitos; e, assim, caso o teclado fosse disposto de outra forma, isso afetaria os processos mencionados.

Em consonância com essa ideia, Pennycook e Otsuji (2014), Pennycook (2017, 2018b, 2018c) e Canagarajah (2018) discorrem sobre os chamados *repertórios espaciais*. Os autores percebem os objetos presentes no espaço como componentes para a construção de sentido, de modo que o enunciado pode ser ressignificado a partir da mudança na disposição desses elementos, ou seja, a mudança de um elemento tem a potencialidade de acarretar a criação de um significado diferente. Assim, a construção dos significados não parte exclusivamente de um determinado elemento ou entidade, mas sim da produção conjunta entre diversos elementos e entidades.

Essa perspectiva considera o espaço como ativo, generativo e agentivo. O espaço passa a emergir como uma construção de significados, a qual inclui sua materialidade, geografia, história e sociedade. Essa concepção de espaço envolve elementos semióticos que vão além dos recursos verbais, de forma que se torna relevante refletir sobre a distinção entre texto e contexto, e como podem ser considerados, conjuntamente e de forma entrelaçada, como partes constitutivas de uma *assemblage* (CANAGARAJAH, 2018), isto é, de um conjunto mutável de elementos que se formam.

A noção de *assemblage* promove um entendimento diferente sobre a multimodalidade, pois os recursos semióticos não são percebidos como organizados em modos, os quais poderiam remeter a uma concepção estruturalista. Considerar *assemblages* implica a compreensão de que as modalidades podem trabalhar juntas e auxiliar umas às outras no processo de comunicação, o qual, nessa perspectiva, envolve necessariamente elementos materiais e discursivos de forma interligada. Pensar em *assemblages* permite compreender como diferentes caminhos de pessoas, recursos semióticos e objetos se encontram em determinados momentos e lugares. Diante disso, ressalta-se a importância do espaço geográfico e dos processos sociais e econômicos para dado processo de comunicação (PENNYCOOK, 2017).

De acordo com essa perspectiva, a partir do momento que levamos em conta os

---

<sup>11</sup> QWERTY é o *layout* de teclado para o alfabeto latino atualmente mais utilizado em computadores. O nome é proveniente das primeiras 6 letras “QWERTY” da primeira linha do conjunto de letras do teclado.

repertórios espaciais, abandonamos a ideia de estruturas linguísticas separadas. As palavras são fluidas, com seus significados localizados no tempo e espaço; e as formas com que ganham significado dependem de como as pessoas as usam e as manuseiam em situações específicas (CANAGARAJAH, 2018).

A fim de expandir o conceito de repertórios espaciais, Canagarajah (2018) considera não apenas os recursos linguísticos, mas todos os recursos semióticos disponíveis. O autor percebe tais recursos como embutidos na ecologia material e de fácil circulação, devido às redes sociais existentes. Desse modo, o conceito de *repertórios espaciais* é uma alternativa para analisar o processo de produção de sentidos. Ribas (2019, p. 622) ressalta que,

[a]o entendermos que os recursos linguísticos e semióticos não estão presentes em um sistema interno de cada falante ou que não são as escolhas disponíveis em uma comunidade de fala, mas estão distribuídos espacialmente, é possível considerar que a linguagem está corporificada e distribuída entre pessoas, lugares e tempo. Ela deixa de ser limitada a propósitos comunicativos e passa a ser parte de uma configuração mais ampla de possibilidades semióticas.

Para Canagarajah (2018), os recursos semióticos podem, assim, influenciar e, até mesmo, moldar a cognição e a comunicação humanas. Abordagens multimodais tradicionais veem os objetos e as ações do corpo humano como sendo orquestradas pela mente humana e, por conseguinte, estabelecem uma hierarquia no que concerne à agência. Na perspectiva dos repertórios espaciais, há uma agência distributiva, de modo que todas as entidades envolvidas, humanas e não-humanas, agem umas sobre as outras. A seguir, a partir de uma ótica pós-humanista, desenvolvo a minha percepção sobre o gênero meme.

### **2.3 Meme: o gênero ciborgue**

Percebo que os conceitos de gênero geralmente adotados nas ciências da linguagem não contemplam as particularidades do meme, especialmente quando consideramos o seu caráter fluido e sua facilidade de adaptação ao meio. Neste trabalho, compreendo os elementos presentes no processo de significação como indissociáveis, na medida em que tudo está conectado e em constante transformação. Essas características diferem, por exemplo, de argumentos de Marcuschi (2002), que apresentam sempre um ponto de origem para os fenômenos da linguagem enfocados. No escopo dessa última perspectiva mencionada, entidades como a materialidade, os animais e os seres não-humanos, até então, não são considerados como agentivas e coconstitutivas.

Alternativamente, perspectivas pós-humanistas, a meu ver, oferecem reflexões profícuas, as quais podem ser diretamente relacionadas ao meme. Uma vez que o meme pode estar presente em diversas esferas da vida e de diversas maneiras, conceituá-lo torna-se uma tarefa relativamente complicada, pois esse gênero específico pode ser encontrado com diversas características e em diversos formatos diferentes, tais como em textos, imagens, gifs, vídeos, textos somados a imagens e/ou vídeos e, até mesmo, em áudio.

Assim, apesar de apontar aqui algumas características presentes nos memes, não tenho o intuito de classificá-lo. É importante lembrar que essa atitude trata-se de uma colonialidade imposta, visto que em algumas culturas as ações de classificações e estruturações desse tipo não estão presentes (MOORE, 2017). O que percebo de características no meme são: seu caráter, na maioria das vezes, humorístico; sua alta replicabilidade em diferentes tipos de mídia; seu caráter textual conciso, mas que frequentemente requer um *background* sobre o assunto que ele trata; e sua particularidade de transformação de caráter rizomático. Assim, busco não delimitar o meme, mas investigar sua potencialidade transformativa. Muitos gêneros têm suas delimitações, mas o meme, por mais que tenha suas características, geralmente acaba as transgredindo e revelando novas nuances.

Ressalto que o meme possui características que determinados gêneros, relativamente estáveis, podem não ter, tais como sua rápida circulação nas redes sociais, formato simples, tamanho diminuto e potencialidade de acelerada mutação, se comparado a um texto escrito, por exemplo. Além disso, por mais que um texto escrito tenha seu sentido ressignificado pelos seus leitores, ele apresenta um limite de modalidades possíveis (texto, cor, imagem). Já o meme se apropria de recursos diversos, por ter as características mencionadas anteriormente e, assim, é propagado rapidamente. Percebo que uma característica que se alia ao meme é seu suporte de veiculação, uma vez que entra em contato com diferentes recursos que potencializam a sua transformação, entretanto ainda contendo elementos básicos que permitem defini-lo como meme – texto humorístico, conciso e colaborativo.

O meme difere-se da charge, por exemplo, pelo seu caráter colaborativo, visto que em seu processo de replicação ele assume características de seu autor e do contexto de forma rápida, enquanto a charge, mesmo podendo se tornar extremamente propagável, não altera seu texto original, além de manter um objetivo determinado em sua criação: a de alguma crítica social e/ou política atual. Contrariamente, o meme incorpora diversos assuntos, não se restringindo a assuntos como os mencionados. Ademais, saliento que

embora diversas de suas características possam se assemelhar às de charges e cartuns (MACHADO, 2020), esses gêneros podem não ter a visibilidade de um meme, por exemplo, por conta de sua contínua replicação. Outro aspecto em que o meme difere dos gêneros mencionados é sua flexibilidade em termos de (trans)formação.

Ressalto que, ao abordar o meme especificamente a partir da perspectiva pós-humanista, faço um movimento em direção ao argumento de Pennycook (2018c), segundo o qual as trocas no processo de comunicação estão sempre sujeitas a *mal-entendidos*. Nesse processo, não há nenhuma garantia de que a interpretação será a mesma, quando considerados diferentes pessoas e contextos.

Por conseguinte, pode se dizer que um meme, em dado momento de sua existência, caracteriza-se por determinadas particularidades, porém, ao ser interpretado e ressignificado/recriado, pode abranger características diferentes, as quais podem ser acrescentadas a ele ou ampliadas. Por exemplo, se há um meme apenas com uma imagem de um ator brasileiro fazendo algo que é específico da cultura brasileira, ao chegar a um receptor, a interpretação pode ser ampliada e/ou ressignificada se ele acrescentar àquele meme um vídeo ou áudio, ou até mesmo transpor aquele meme para um outro formato. É importante ressaltar que tal processo pode ocorrer em poucos minutos, em um ambiente digital, diferente de uma produção a partir de um livro, por exemplo, que dependeria de tempo tanto para a compreensão da mensagem quanto para a elaboração de uma réplica, aspecto que torna o meme necessariamente uma produção rápida e colaborativa.

Entendo que perceber o meme como uma *assemblage* é considerar todos os elementos que o compõem e também aqueles que podem vir a constituir-lo. De acordo com Deleuze e Guattari (2005, apud TOOHEY, 2019, p. 3), *assemblages* compreendem

[a]o entrelaçamento de entidades relacionadas [...]: as coisas são o que são (ao mesmo tempo em que constantemente mudam) por causa de suas inter-relações e de seu entrelaçamento com outras coisas (que também estão em outras *assemblages* que estão mudando constantemente).<sup>12</sup>

Em consonância com essa perspectiva, diversos fatores que compõem o meme possuem carga significativa. A título de exemplo, se um determinado elemento estiver posicionado em cima, embaixo, ou ao lado, isso pode desencadear um significado; a fonte

---

<sup>12</sup> Original: “the entanglement of related entities [...]: things are as they are (while also constantly changing) because of their inter-relations and their entanglements with other things (which are also in other *assemblages* that are constantly changing)”.

utilizada para digitar uma frase pode produzir um significado e efeitos diferentes também (MURPHY, 2017).

Ademais, acrescento que uma vasta possibilidade de sentidos pode ser estabelecida a depender do objetivo do autor e também dos recursos disponíveis a esse autor. Por exemplo, se o autor estiver na rede social Facebook, um dos contextos nos quais inúmeros memes são criados a todo o momento, ele pode trabalhar com uma diversidade de mídias para produzir um meme: em um post diretamente na página *História no Paint* (2016), é possível acessar recursos de localização, estado emocional e diferentes fontes; na opção dos *Stories*, o usuário já encontra outras possibilidades, tais como vídeos, imagens, sons, um sobreposto ao outro, ou separados, gifs e textos com diferentes cores e fontes.

Nesse processo distributivo de agência de elementos que nos interpelam, percebo como pequenos detalhes podem alterar o sentido, ou acrescentar sentido ao meme em mídias sociais. Assim, é possível notar a agência que todos os elementos dispostos para a composição de um meme podem ter, em seu processo de significação.

De modo geral, o gênero meme tem grande repercussão por seu caráter humorístico. Há diversas páginas em redes sociais, como no *Facebook*, no *Instagram* e no *Twitter*, nas quais esse conteúdo é disseminado de forma rápida e em grande escala. Desse modo, é visivelmente plausível que a maioria dos usuários perceba o meme geralmente como algo humorístico e de baixa longevidade. Entretanto, essa visão de meme se choca com minha compreensão dele, pois a partir de uma ótica pós-humanista, o percebo como um gênero ciborgue.

Tal percepção do gênero parte do conceito de *ciborgue* de Donna Haraway (2000). Em seu texto, a autora aborda o ciborgue como “uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam” (HARAWAY, 2000, p. 22). Essa reflexão corrobora minha percepção do meme, uma vez que, embora se busque propor definições que delimitem o gênero meme, suas fronteiras sempre são transgredidas, na medida em que ele se molda em novos contextos.

A autora defende a compreensão de um mundo híbrido, contextos entrelaçados, no qual a percepção da diferença entre natural e artificial se torna insignificante. Desse modo, corpo e máquina, ou elementos humanos e não humanos, são entendidos como um só organismo. Ressalto o seguinte trecho: “quando as pessoas descrevem algo como sendo ‘natural’, elas estão dizendo que ‘é assim que o mundo é, não podemos mudá-lo’”

(HARAWAY, 2000, p. 25, grifos no original). Esse argumento pode ser relacionado à ideia de como o meme tem sido tratado de forma reducionista, por meio de tentativas de categorização.

O meme, como gênero ciborgue, foge a qualquer conceituação ou definição. Haraway (2000, p. 36) compreende *ciborgue* como “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção”. Martins e Viana (2019, p. 513, grifo no original) acrescentam que

[u]m ciborgue não obedece a uma lógica dialética que apaga as diferenças em nome de uma totalidade identitária, é antes produzido a partir de uma disjunção inclusiva, constituindo um comum na e a partir da diferenciação (DELEUZE; GUATTARI, 2004[1972]), ou seja, compondo sua corpo(real)idade de modo heterogêneo, na e com a multidão em (in)formação (HARDT; NEGRI, 2004). Isso nos faz considerar entidades “não-humanas” como pertencentes ao mesmo nível de entidades “humanas” na produção de sentidos e, portanto, como participantes ativas na construção e configuração sociodiscursiva dos eventos que tomam parte (LATOURE, 2012). Ao mesmo tempo, nos move a considerar que toda ação só é possível justamente porque as entidades dela participantes, sejam quais forem, modificam suas próprias constituições em suas interações.

Uma outra questão é que, ao afirmar que os memes, devido ao seu uso nas mídias digitais, têm como uma das suas características a sua baixa longevidade, se desconsidera diversos fatores. Dois exemplos são o *Chaplin Colorado* (1970) e o *Willy Wonka*, de *A fantástica fábrica de chocolate* (1971)<sup>13</sup>, que já se tornaram memes presentes nas redes sociais há anos, apesar de retratarem personagens introduzidos na mídia muitas décadas atrás. Portanto, ressalto que é um equívoco definir o meme apenas com base nessas características, uma vez que o gênero tende a se alterar, a depender do seu contexto, e a se refazer a partir de modificações feitas por seus (re)criadores. Pontuo que ao abordar sua baixa longevidade, me refiro à vida útil do meme, e não especificamente ao seu conteúdo – isto é, um meme criado em um ano X, pode ser replicado até os dias de hoje. Um exemplo disso é o próprio meme do *Chaplin Colorado*, que surgiu em 2012, e que, após oito anos, ainda é replicado constantemente (KÁTIA, 2017). Dessa maneira, devido à complexidade dos processos que envolvem os memes e dos inúmeros elementos implicados neles, considerar o meme em termos de baixa longevidade, a meu ver, é um equívoco.

---

<sup>13</sup> Ambos personagens que foram lançados há aproximadamente 50 anos em diferentes mídias.

Reafirmo a característica não apenas humorística do meme, uma vez que ele pode abordar desde assuntos como clássicos literários até conteúdos informativos/jornalísticos. Segundo a Trip TV (2019, on-line), “[d]e acordo com um levantamento da Consumoteca” – consultoria que trata da cultura, da inovação e de como marcas lidam com as transformações do mundo, “85% dos brasileiros entre 16 e 66 anos interagem com memes com frequência e 73% fica[m] sabendo de alguma notícia recente por meio dos memes”. Dessa maneira, argumento que conceituar o meme como um gênero com conteúdo raso ou apenas humorístico é uma asserção contestável, pois esse posicionamento desconsidera a imensa e variada extensão semântica que o meme pode envolver, visto que muitas vezes extrapola a esfera dos conteúdos meramente triviais e cômicos.

Saliento ainda que, por serem facilmente propagáveis, ainda mais no ambiente das redes sociais, os memes tendem a perder o contato com seu autor original. Contudo, existem casos em que esse contato não é perdido devido a diversos fatores. Um exemplo é o meme (em forma de áudio) da cantora brasileira *Anitta*: “[custou] 70 mil dólares, amor!” (SANTANNA, 2018, on-line). O meme em questão se trata de um áudio possivelmente vazado sobre uma conversa da cantora no qual ela relata que pagou sozinha um videoclipe que supostamente custou 70 mil dólares e que, por isso, iria gastar dinheiro com o frete de um jatinho para ela e para a cantora brasileira *Pablo Vittar*. O áudio viralizou, resultando em inúmeras referências na internet, de modo que se tornou um remix musical e, depois de algum tempo, foi até usado em uma propaganda da Serasa direcionada a pessoas endividadas com a empresa e que desejassem honrar suas dívidas (ver Figura 11).

**Figura 11** - Postagem da Serasa



Fonte: Serasa Consumidor (2019).

O meme criado a partir da fala da cantora não a agradou, devido ao fato de usarem uma frase sua para fazer uma brincadeira sobre dívidas que, do ponto de vista da *Anitta*, diz respeito a uma situação delicada e triste que vivem muitos brasileiros (SANTANNA, 2018). Apesar do fato de que o meme não tem registro autoral e de que, por se tratar de um áudio propagado pela mídia, ele se torna algo de domínio público, a situação de forma geral provocou um certo desconforto para a autora da frase cujo meme foi originado.

Em decorrência de casos como esse, enfatizo a importância de discutir questões éticas que perpassam os memes. Uma vez que um meme pode ser usado de forma antiética ou que, de alguma forma, o seu uso difame a imagem/frase usada por alguém, é possível até mesmo o desencadeamento de processos judiciais ou, no caso do marketing usado na imagem acima, da criação de uma situação que macule o nome da empresa que o utilizou.

Um outro exemplo que gerou uma situação delicada em decorrência da criação e propagação de um meme específico, em grande escala, foi o uso da imagem de um senhor de forma pejorativa, que desencadeou enunciados preconceituosos (SOUZA, 2019). A página *Te sento a vara* (2012), na rede social Facebook, utilizou a imagem de um senhor com uma expressão mau humorada com falas que supostamente eram/são ditas (e reforçadas) por um grupo caracterizado como interiorano. A situação se tornou ainda mais problemática, uma vez que o criador da página, além de disseminar discursos preconceituosos, passou a capitalizar em cima da imagem do senhor.

**Figura 12** - Foto de idoso em meme



Fonte: TOP Mídia News (2019).

Portanto, é de extrema relevância a consideração e a reflexão sobre as questões éticas concernentes à produção e reprodução de memes. Esse gênero, além de se caracterizar como uma prática social relativamente nova, levanta novas questões e preocupações e gera novos desafios acerca do uso de imagens, áudios, vídeos, gifs etc., e da sua propagação.

Ainda em relação aos aspectos éticos, questiono se não deveria haver alguma regulamentação para o uso de imagens, áudios, vídeos etc., de pessoas anônimas, em memes, uma vez que sua utilização, como no exemplo do senhor acima, não foi autorizada. Uma política tal como essa poderia desencadear novas práticas sociais, novos posicionamentos da sociedade no que diz respeito a questões concernentes à criação e à propagação de memes que envolvem seres humanos. Assim, do mesmo modo que há regulamentações quanto ao uso de imagens, áudios, vídeos etc., de pessoas no rádio e na televisão, percebo que deveriam ser consideradas e expandidas as questões específicas referentes ao seu uso em memes.

Em relação a essa temática das questões éticas, Takaki (2020b) menciona que, para Levinas (s.d.), o *eu* é uma responsabilidade incondicional ao outro/outrem. Dessa maneira, o *eu* tem carga maior de responsabilidade pela outridade, embora isso não isente a responsabilidade desse outro, e não se espera, em contrapartida, uma reciprocidade desse outro (TAKAKI, 2020b). Assim, percebo como as questões emergentes a partir da ética são importantes e estão intimamente relacionadas ao gênero meme, de maneira que existe uma responsabilidade oculta concernente ao seu conteúdo e/ou replicação dele, uma vez que pode causar danos ou ferir alguém. Isso reforça o ponto de vista que o gênero meme não pode ter a comicidade como algo estabilizado e necessariamente característico dele, mas como um dos elementos que podem integrar sua constituição.

#### **2.4 *Remix versus assemblage*: algumas reflexões**

A partir de indagações feitas por colegas, refleti sobre as características e diferenças do meme em relação a outros gêneros, e, ao longo do trajeto da pesquisa, emergiu a discussão da abordagem do meme como remix e não como *assemblage*. Devido ao fato de que alguns trabalhos já utilizam o conceito de remix para refletir e discorrer sobre o meme, teço algumas ponderações sobre a perspectiva do remix, introduzida por Navas (2010) e discutida por Buzato et al. (2013). Segundo Navas (2010, p. 6) o remix pode ser definido como

uma atividade global que consiste na troca criativa e eficiente de informações possibilitadas pelas tecnologias digitais. O remix, como discurso, é sustentado pela prática de recortar/copiar e colar. [3] O conceito de [r]emix que informa a cultura do remix deriva do modelo de remixes musicais produzidos por volta do final dos anos 1960 e início dos anos 1970 em Nova York, com raízes na música da Jamaica. [4] Durante a primeira década do século XXI, o [r]emix (a atividade de pegar amostras de materiais pré-existentes para combiná-los em novas formas de acordo com o gosto pessoal) esteve presente na arte, música e cultura em geral; ele desempenha um papel vital na comunicação em massa, especialmente nas novas mídias.<sup>14</sup>

Discordo da afirmação de que o remix seja uma atividade global, uma vez que não se pode afirmar que em todos os lugares do mundo tal atividade seja praticada, e ainda mais da mesma forma. Além disso, assim como a internet tem sido usada em diversos países ao redor mundo, há ainda uma considerável parte da população mundial que não utiliza, por diversos fatores, principalmente relacionados a questões socioeconômicas. Tal reflexão soma-se a mais alguns argumentos sobre a percepção do meme como remix, aos quais me contraponho, pautado pela perspectiva pós-humanista. O meme como remix sempre implicará no reconhecimento de uma determinada origem ou origens, enquanto que, ao perceber o meme como gênero ciborgue, não há uma centralidade, e os elementos que o constituem possuem certa agência que é distribuída entre eles.

Ao voltar o olhar para a perspectiva do remix, Buzato et al. (2013) afirmam que a disseminação dos remixes musicais, provenientes da mistura de duas ou mais canções, foi precursora do processo denominado *mashup*. Além das definições apresentadas, Buzato et al. (2013, p. 1196) trazem as vozes de mais dois autores para as conceituações dos termos:

[a]nalogamente, Sonvilla-Weiss (2010) define remixes e *mashups* como produtos de práticas de montagem, sampleagem (copiar e colar) e colagem que objetivam a criação de algo novo. Como Navas (2010), Sonvilla-Weiss também caracteriza *mashups* como remixes que combinam elementos de fontes variadas, unindo “diferentes informações, mídias ou objetos sem mudar sua fonte original de informação”, de modo que “o formato original permanece o mesmo e carrega os traços da forma e do conteúdo originais, embora recombinaos em contextos e *designs* diferentes e novos” (SONVILLA-

---

<sup>14</sup> Original: “a global activity consisting of the creative and efficient exchange of information made possible by digital technologies. Remix, as discourse, is supported by the practice of cut/copy and paste. [3] The concept of [r]emix that informs remix culture derives from the model of music remixes which were produced around the late 1960s and early 1970s in New York City, with roots in the music of Jamaica. [4] During the first decade of the twenty-first century, [r]emix (the activity of taking samples from pre-existing materials to combine them into new forms according to personal taste) has been ubiquitous in art, music and culture at large; it plays a vital role in mass communication, especially in new media”.

WEIS, 2010, p. 9). Essas definições não deixam de abarcar, de certo modo, outras que não diferenciam remix de *mashup*, como a de Lankshear e Knobel – e, de maneira similar, a de Lessig (2004) – que descrevem remix como “a prática de tomar artefatos culturais e combiná-los/manipulá-los de modo a gerar um novo tipo de mistura criativa” (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 1). Contudo, Navas (2010) e Sonvilla-Weiss (2010) distinguem das demais misturas (*mixes*) de elementos aqueles que retomam de maneira mais evidente os textos fonte e se propõem, declaradamente, a combiná-los e/ou integrá-los (*mash them up*); afastam-se, assim, de autores como Lamb (2007), que utiliza remix e *mashup* inadvertidamente como sinônimos.

Ao interpretar o meme como um remix, se um texto e uma imagem são reunidos, em determinado momento, ainda se entende que eles são elementos separados, de modo que questões da materialidade rizomática e/ou *assemblage* são deixadas de lado. Em contrapartida, quando o meme é pensado a partir de um olhar pós-humanista, ele não é percebido como a junção de dois elementos individuais, mas como uma *assemblage* material e discursiva. Assim, ao ter acesso a esse conceito de remix a respeito dos memes, o visualizo como inadequado, uma vez que, nessa perspectiva, os memes são percebidos como textos independentes que meramente são colocados juntos.

Enfatizo que por mais que haja a presença de diferentes tipos de textos (imagens, vídeos, gifs, cores etc.), sua leitura é uma com determinados recursos e outra se analisados separadamente; ou seja, se há um meme constituído de vídeo e texto, ao separar esses elementos, não haverá mais aquele meme, mas sim um vídeo e um texto. Por exemplo, ao utilizar o meme com uma legenda X e uma imagem Y, tem-se uma carga de significado. Entretanto, ao retirar a imagem Y e deixar apenas a legenda X, não se terá a gama de sentidos que os dois juntos constituiriam. Somado a isso, o meme pode perder indícios de sua origem, uma vez que ele se adapta ao seu ambiente de enunciação. Por conseguinte, um meme textual pode se tornar um vídeo; um meme vídeo pode se tornar uma imagem ou um áudio. Desse modo, os elementos que formam o meme são indissociáveis devido à gama de sentidos criada em decorrência da sua coconstituição no processo de construção semiótica-material conjunta.

Ademais, percebo o remix e o *mashup* como práticas que centralizam o ser humano como produtor de significados, de modo que para eles existirem são necessários discursos que estruturalizam essa produção semiótica, enquanto que, em uma perspectiva que considera a materialidade como ativa e agentiva, não há um ponto de início e de fim, mas sim um rizoma. Canagarajah (2018, p. 14) expande esse entendimento, ao afirmar que

nos estudos de multimodalidade, há uma tendência de invocar e interpretar os valores, significados e estruturas predefinidos de cada modalidade separadamente; [e já] a orientação espacial trata o significado como emergente em relação às suas diversas assemblages como um “conjunto” (Kress, 2009) que se molda.<sup>15</sup>

Para o desenvolvimento desta pesquisa, o gênero meme é entendido a partir de uma perspectiva pós-humanista, aliada à ótica da orientação espacial, proposta por Canagarajah (2018). Recorro à noção de *assemblages*, a qual permite compreender como pessoas, objetos, recursos semióticos e diferentes possibilidades de estabelecer comunicação se encontram em momentos e lugares específicos. Assim, como Pennycook (2017) argumenta, essa perspectiva enfatiza a importância dos objetos, as consequências e efeitos a partir dos e sobre os corpos e a relevância do espaço, em sua coconstrução de significados junto aos recursos linguísticos disponíveis.

O autor discorre que *assemblages* dizem respeito à maneira como os elementos presentes no espaço são reunidos e funcionam de novas maneiras. Por conseguinte, essa ideia remete à noção de *agência distributiva*, por meio da qual a linguagem e a cognição são entendidas como distribuídas através de objetos, pessoas e lugares. A agência de elementos humanos e não humanos formam agrupamentos, cujas *assemblages* são compostas de *matéria vibrante* (BENNETT, 2010), isto é, seres vivos e não vivos. Eles formam determinada disposição temporária de muitos tipos de moléculas e outros elementos dinâmicos em um conjunto infinito e não-hierárquico de associações que tendem a mudar, de modo a conter diferentes graus de durabilidade (PENNYCOOK, 2017).

Segundo o autor, é relevante entender os efeitos das interações das *assemblages* e deslocar o foco somente das interações *humanas*. Assim, é possível entender *assemblage* como algo não centralizado no ser humano ou em alguma outra entidade, ou organizado a partir de um evento ou agência material específica. Pennycook (2017) acrescenta que os efeitos gerados por uma *assemblage* são propriedades emergentes, no sentido da habilidade de fazer com que algo aconteça (como um apagão, um tornado, uma guerra civil etc.) e, assim, contraria a ideia da soma de forças consideradas sozinhas.

Nessa perspectiva, observo que os fatores não-humanos têm a potencialidade de possuir uma carga significativa tão expressiva quanto o discurso. Por exemplo, ao

---

<sup>15</sup> Original: “[i]n multimodality studies, there is a tendency to invoke and interpret the predefined values, meanings, and structures of each modality separately; [alternatively,] spatial orientation treats meaning as emergent in relation to the diverse assemblages as an ‘ensemble’ (Kress, 2009) that shapes each other”.

escrever esta dissertação, o silêncio ou a ausência dele influencia a escrita do texto. Neste trabalho, observo que o meme consegue se locomover em diversas esferas da linguagem de forma a não se estabilizar em termos de forma e conteúdo. Com base nisso, enfatizo que não busco a identificação de uma agência específica entre os elementos, mas a compreensão de como os recursos presentes possibilitam o entendimento no processo de significação em um dado momento para determinado meme.

Desse modo, conceito de *assemblage* converge com o comportamento do meme, uma vez que ele não se propaga apenas a partir de um ponto, mas sim a partir de vários elementos que o constituem e o transformam, de maneira que o *viralizam* e o repassam para outras mídias. Ressalto que esse é *um dos comportamentos* do meme, pois existem memes de baixo alcance, que surgem e, em pouco tempo, *desaparecem*; em comparação, há outros que surgem a partir da incorporação de outros recursos e que, assim, desenvolvem uma maior vida útil.

Pennycook (2017) reforça que *assemblages* estão relacionadas à forma como os elementos presentes no espaço agem uns sobre os outros e funcionam de forma diferente do que quando estão (são percebidos como) isolados. Em decorrência disso, é promovida uma maneira diferente de pensar sobre a característica distributiva da agência, em relação à cognição e à linguagem no espaço.

No próximo capítulo, faço a análise dos memes selecionados a partir da página *História No Paint* (2016).

## **Capítulo 3**

### **Análise do material empírico**

Este capítulo será dividido em três seções: a) o contexto e as particularidades da investigação; b) a abrangência do meme em termos material-discursivos; e c) os elementos que constituem o meme e como ele se (trans)forma. Nesta parte do trabalho, apresento a discussão do material empírico, com base nos memes que emergiram a partir do levantamento das postagens da página *História No Paint* (2016), na rede social Facebook, com o intuito de responder às perguntas de pesquisa apontadas na introdução. A partir desses memes, busco refletir sobre os fatores e elementos que dialogam com a perspectiva pós-humanista e sobre as características apresentadas pelo meme, com o objetivo de construir a percepção dele como gênero ciborgue.

#### **3.1 O contexto e as particularidades da investigação**

A página *História No Paint* foi criada por Leandro Marin, um jovem estudante de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A página tem como objetivo principal, mas não único, a postagem de conteúdos de História geralmente tratados no contexto escolar, mas que, nesse caso, são apresentados na forma de memes. Acrescento que, dentro da página, há uma aba destinada à postagem de memes com conteúdos que contemplam temas abordados na prova do Enem. Assim, um dos focos da página é auxiliar alunos do ensino médio com seus estudos, especialmente para a sua entrada em instituições universitárias.

Marin criou a página na rede social Facebook em 2016, e hoje ela tem presença marcada nas plataformas do Twitter (2014), do Instagram (2018) e do Spotify (2019).<sup>16</sup> A página criada com o intuito de compartilhar memes se tornou um grande sucesso após alcançar um considerável número de pessoas e, conseqüentemente, de postagens, o que gerou até mesmo um destaque dela no site da própria universidade de Leandro Marin (VERLY, 2019), como também em outros sites difusores de informações (MENDES, 2018; SLEMAN, 2019).

De acordo com Marin, sua experiência com o ambiente escolar não resultou em grande aquisição de conhecimento, o que gerou uma desmotivação em seu processo de

---

<sup>16</sup> História no Paint (2014, 2016, 2018, 2019).

aprendizagem. Porém, essa situação mudou quando ele percebeu que o ensino deveria ser mais contextualizado, de forma que gerasse mais questionamentos, e não dúvidas que não seriam sanadas. Uma forma encontrada por ele para isso acontecer foi pelo uso de memes (MENDES, 2018).

Antes da criação da página de Marin, uma outra página com uma proposta similar ganhou grande destaque – *Obras literárias com capas de memes genuinamente brasileiros*, atualmente um grupo privado no Facebook, intitulado *Grupo das Obras Literárias* (2018). Na época, página chegou à marca de 700 mil seguidores, o que chamou minha atenção e, destarte, se tornou o objeto do que era até então o meu pré-projeto de mestrado. Com o andamento da pesquisa, decidi trabalhar com a página *História No Paint* (2016), uma vez que o conteúdo produzido pelo autor se tornou quantitativamente mais impactante nas redes sociais do que o conteúdo da página que havia selecionado anteriormente, o que, conseqüentemente, foi refletido nas interações entre os seus seguidores.

Assim, a escolha desta determinada página foi feita em decorrência do alto número de usuários, atualmente mais de 757 mil seguidores<sup>17</sup>, que interagem constantemente dentro dela. No momento atual, a página contabiliza mais de 746 mil curtidas, com uma média de 600 a 1500 curtidas por postagem e com o número de comentários podendo chegar a 150.

Desse modo, percebi que seria profícua a análise desta página específica em decorrência do número expressivo de interações entre os seus seguidores sobre os memes postados e, também, pelo seu conteúdo, que é direcionado, de forma geral, a questões históricas e, portanto, não-triviais e não-aleatórias (diferente do que ocorre na maioria das páginas de memes). Somado a isso, há também a particularidade da recriação de memes, de modo que, ao viralizarem, ocorre uma transformação visível de suas (res)significações. Nesse contexto, acontecem mutações constantes advindas de características da subjetividade de cada um dos seus criadores, em meio às possibilidades materiais e discursivas às quais eles têm acesso.

A página em questão foi escolhida devido aos seguintes fatores: a) seu número expressivo de usuários – por ter uma quantidade elevada de seguidores, a propagação das postagens tem um alcance maior na rede social; b) suas interações com as postagens – como característica de uma página com um número de seguidores alto, a alimentação de

---

<sup>17</sup> Informação disponibilizada na própria página, em 11 de janeiro de 2021.

conteúdo se torna essencial para a sua manutenção, de forma a atrair novos seguidores, fidelizar os que já fazem parte dela e fazer com que eles compartilhem seu conteúdo; c) os conteúdos abordados nos memes – como característica da página, os conteúdos de História abordados por meio de memes reforçam um traço do meme pouco percebido e discutido: sua profundidade quanto ao conteúdo; e d) a ressignificação expressiva de determinados memes que viralizam de forma inesperada e rápida nas redes sociais.

Por fim, ainda em relação aos procedimentos de análise, como Denzin (2013), opto pelo uso do termo *material empírico*, ao invés de *dados*. Nas palavras do autor,

1. [a] palavra *dados* invoca uma epistemologia positivista e uma política de evidência baseada em termos como confiabilidade e validade; 2. [a] palavra *dados* invoca uma ontologia positivista que transforma o mundo em substantivos e outras coisas; [...] 4. [a] palavra *dados* perpetua o mito de que observadores objetivos podem tornar o mundo visível através de suas práticas metodológicas; 5. [d]ados não são coisas que podem ser coletadas, codificadas ou analisadas; dados são processos construídos pelas práticas interpretativas do pesquisador; 6. [o]s dados têm agência; não são passivos; [...] 14. [a] palavra *dados* deveria ser proibida; substituída pelo que William James chama de materiais empíricos.<sup>18</sup> (DENZIN, 2013, p. 355, grifo adicionado).

Assim, faço uso do conceito de *material empírico*, uma vez que se aproxima da perspectiva que permite a compreensão da agência de seres vivos e não vivos e se alinha à ideia de que pesquisa e pesquisador estão intimamente conectados. Além disso, é importante ressaltar que esta pesquisa não aborda o material empírico a partir de um determinado ponto, mas como algo mais dinâmico e esporádico. Dessa maneira, percebo o material discutido como um recorte sob minha interpretação, dentre muitas outras possibilidades de interpretação possíveis.

Como mencionado na introdução, como características metodológicas desta pesquisa, discuto este estudo a partir de um olhar pós-qualitativo. Em relação a isso, MacLure (2013, p. 658),

[f]ocalizando questões de linguagem e representação, defend[e] práticas de

---

<sup>18</sup> Original: “1. The word *data* invokes a positivist epistemology and a politics of evidence based on terms like reliability and validity; 2. [the] word *data* invokes a positivist ontology which turns the world into nouns and other things; [...] 4. [the] word *data* perpetuates the myth that objective observers can make the world visible through their methodological practices; 5. [d]ata are not things that can be collected, coded or analyzed; data are processes constructed by the researcher’s interpretive practices; 6. data has agency; it is not passive; 14. [the] word *data* should be outlawed; replaced by what William James terms empirical materials”.

pesquisa que seriam capazes de envolver a materialidade da própria linguagem – sua força material e seus emaranhados em corpos e matéria – e [se] pergunt[a] em que tais práticas poderiam consistir. Ela defende que a pesquisa materialista deve envolver pensamento e métodos não- ou pós-representacionais, baseando-se em teorias materialistas contemporâneas que rejeitam a lógica hierárquica da representação. O pensamento representacional ainda regula muito do que seria considerado metodologia de pesquisa qualitativa.<sup>19</sup>

Dessa maneira, busco me distanciar de hierarquias e padronizações metodológicas para entender o aspecto material-discursivo dos memes apresentados. Concordo com St. Pierre (2014) quando a autora argumenta sobre o quanto é difícil desenvolver uma pesquisa que consiga se distanciar do modo como somos treinados ou condicionados a pesquisar, isto é, ressignificar o *método* e *dados*.

Enfim, os memes que se destacaram, cujos exemplos são apresentados nas figuras na sequência, foram: Menina rolezeira (16 postagens), Cantor Akon (11 postagens), Pica-Pau com xícara (11 postagens) e Os Simpsons (9 postagens). Tais memes se mostraram relevantes para a análise desta pesquisa uma vez que representam o que acontece em um contexto de uma realidade de uma rede social com mais de 700 mil interlocutores envolvidos. Percebo esse lugar de produção de significados por meio de memes como um contexto profícuo para discutir, questionar e (re)construir a definição de meme, bem como as características comumente atribuídas a ele. A partir desses memes da página *História No Paint*, apresento a seguir as reflexões e discussões geradas sobre o assunto.

### 3.2 A abrangência do meme em termos material-discursivos

Busco, nesta seção, refletir sobre as características do meme, retomando a definição de seu precursor – Dawkins (1976) –, até reflexões de como o percebo. Tais discussões abordam a questão da profundidade de conteúdo dos memes e exemplificam a importância dos elementos que o constituem, de modo a considerar que tais elementos,

---

<sup>19</sup> Original: “[f]ocusing upon issues of language and representation, [she] argue[s] for research practices that would be capable of engaging the materiality of language itself – its material force and its entanglements in bodies and matter – and wonder[s] what such practices could consist of. [She] argue[s] that materialist research must involve non- or post-representational thought and methods, drawing on contemporary materialist theories that reject the hierarchical logic of representation. Representational thinking still regulates much of what would be considered qualitative research methodology”.

quando dispostos isoladamente, detêm uma carga de sentido, e que, ao serem dispostos conjuntamente, essa carga de sentido é diferente.

Em seguida, introduzo o grupo de memes analisados neste capítulo na Figura 13:

**Figura 13** - Conjunto representativo dos memes analisados



Fonte: História No Paint (2016).

As primeiras análises deste capítulo, apresentadas nas duas figuras seguintes, dizem respeito ao meme Pica-pau com xícara:

Figura 14 - Pica-Pau como Santos Dumont

**Quando falam que foram os Irmãos  
Wright que inventaram o avião**



Fonte: História No Paint (2016).

Como apresentado na imagem, há a figura do desenho Pica-Pau em uma cena que apresenta o personagem relaxado, despreocupado, em um determinado momento naquele episódio. Esta cena específica, ao ser apresentada com novos elementos, gera outros significados que diferem profundamente do original. A partir de novos elementos – a imagem do rosto do aviador Santos Dumont (considerado o criador do avião) e a inserção de textos com fundos diferentes da cena –, observo que a carga de sentido muda ao ser criado um novo contexto e, conseqüentemente, um novo discurso.

Somado a isso, observo a imagem do rosto de Santos Dumont com a legenda “Essa gente inventa cada coisa”. A partir dessa legenda, percebo que o personagem, contraposto ao texto acima da imagem – “Quando falam que os irmãos Wright que inventaram o avião” –, desdenha tal suposição, e para intensificar seu discurso, noto a atitude do personagem Pica-Pau estar segurando uma xícara de café e agindo de forma pacata, como se tal suposição fosse uma bobagem ou sinônimo de inverdade.

A partir de tal meme, vemos que ele aborda um conteúdo escolar, apesar de sua característica humorística, uma vez que apresenta ao leitor fatos e suposições históricas, que podem tanto ser entendidas por quem conhece a suposição dos irmãos terem

inventado o avião, quanto por pessoas que não conhecem tal teoria. Isso mostra como o meme pode envolver um conteúdo profundo e extensivo, uma vez que o leitor pode ser instigado a pesquisar mais sobre tal tema.

É importante ressaltar a importância de todos os elementos na imagem. No meme apresentado, cada elemento contribui com uma parte da significação que compõe o discurso como um todo. Caso o texto acima seja retirado, observo que se perde sua carga de delimitação de contexto. Ao retirar a atitude do personagem, ocorre a desvalorização da informação apresentada. Assim, entendo o meme acima como uma *assemblage*, e não como partes independentes alinhadas.

Considero relevante pontuar a espacialidade em qual o meme se encontra, sendo um ambiente digital, no qual ele é visto e/ou reproduzido pelas mídias digitais nas telas de computadores, notebooks, smartphones, tablets etc. Esses recursos interpelam as pessoas que entram em contato com o meme de modo que são gerados incontáveis sentidos. Os espaços materiais nos quais as pessoas se encontram diferem, e isso desencadeia diferentes interpelações em suas leituras, bem como diferentes relações com o que acessam.

Por conseguinte, são gerados sentidos diferentes. Sendo assim, analisar o meme em si não é suficiente para a perspectiva pós-humanista com a qual trabalho, pois é necessário um olhar mais abrangente para observá-lo de forma holística, como gênero ciborgue, que consiga abarcar outros inúmeros fatores envolvidos.

Nesse sentido, Bucholtz (2017, p. 261) argumenta que

[a] personificação não é simplesmente um aspecto da materialidade entre outros; é a condição sine qua non da materialidade – e da linguagem. Mesmo em esferas mediadas tecnologicamente, a linguagem é sempre produzida e percebida por corpos físicos, por meio de olhos, ouvidos, mãos, línguas e pulmões.<sup>20</sup> [...] [A] linguagem não está simplesmente ligada à materialidade; é, em si mesma, inerentemente material. (BUCHOLTZ, 2017, p. 261).

Dessa maneira, como na Figura 14, o que o meme aborda forma assemblages que provocam reações em nossos corpos e mentes, de forma que isso nos interpela de diversas formas (como uma memória afetiva com o desenho infantil Pica-Pau ou como uma lembrança de informações sobre a história de Santos Dumont). Por conseguinte, concordo com a afirmação da autora de que a linguagem não é parte da materialidade, mas em si

---

<sup>20</sup> Original: “[e]mbodiment is not simply one aspect of materiality among others; it is the sine qua non of materiality – and of language. Even in technologically mediated spheres, language is always produced and perceived by physical bodies, via eyes, ears, hands, tongues, and lungs. [...] [L]anguage is not simply linked to materiality; it is, in itself, inherently material”.

mesma material, aspecto o qual demonstra a importância das relações entre os elementos para a linguagem.

Além disso, ao observar a figura acima, é possível perceber que a leitura do meme pode ser realizada em várias ordens diferentes, levando em consideração os seus elementos – o título, a legenda inferior, a imagem de Santos Dumont –, os quais constituem diversas possibilidades em relação à sequência da observação e da leitura. O gênero ciborgue possui essa característica descentralizada no seu processo de significação, remetendo à ideia do rizoma. Deleuze e Guattari (2000, p. 4, grifo no original) pontuam que

[u]m rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...”. Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. *Entre* as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

A característica de significação descentralizada está intimamente relacionada à perspectiva pós-humanista, uma vez que ela compreende que os elementos possuem agência e podem assumir determinadas cargas significativas – por meio das relações criadas – dependendo de seu contexto e posicionamento. A partir desse olhar, voltada ao meme, reflito como tal gênero é descrito e o porquê o percebemos com determinadas restrições (PENNYCOOK, 2018c), por exemplo, o caracterizando como raso, cômico, efêmero e de baixo alcance. Por conseguinte, vejo a possibilidade de uma maior problematização do gênero, que envolva questões tais como a profundidade dos conteúdos tratados nos memes, a sua formação como uma *assemblage* mutável, a forma que é apresentado, entre outras.

Desse modo, com base nos argumentos expostos, compreendo que o meme tem a capacidade de extrapolar as limitações impostas a ele, de modo que no momento de sua (trans)formação ele interpela a subjetividade das pessoas e se emaranha com possibilidades materiais disponíveis no momento de sua constituição. Essa extrapolação o permite circular por diversas esferas midiáticas, ou seja, o meme pode emergir a partir de uma frase, e então transformar-se em um vídeo, um áudio, uma imagem etc., juntamente com a presença de diversos outros elementos. Por exemplo, se um sujeito A tem preferência por uma cantora pop e, se um sujeito B gosta do gênero musical rock, é possível aliar as preferências de ambos em um mesmo meme e enviá-lo a um sujeito C,

tendo como base um determinado ponto de vista ou interpretação do seu (re)criador. Desse modo, ele intra-age com a subjetividade das pessoas e com as possibilidades semiótico-materiais disponíveis, ao se moldar ao contexto em que está inserido, de maneira que se cria a possibilidade de ser sempre ressignificado.

Paralelamente, enquanto construo esta análise, é importante mencionar que aspectos materiais também me interpelam para a produção dela. Por exemplo, faço esta análise no ambiente de um quarto arejado, com um notebook e uma boa conexão de internet, materialidades que interferem direta e indiretamente na produção deste texto. Considerar fatores como esses condiz com as perspectivas do Pós-humanismo, uma vez que não somente aspectos sociodiscursivos, culturais, econômicos, políticos, mas também toda a materialidades com as quais temos contato nos interpelam e influenciam a formação da nossa visão do mundo.

Para exemplificar, questões de como os seres não-humanos produzem sentidos podem ser percebidas nitidamente quando consideramos ocorrências como a remoção ou a depredação de estatuas em razão de representarem figuras racistas (MURRIS, 2016). A partir de um evento como esse, percebo como os elementos materiais têm cargas de sentido que podem desencadear interpelações diversas. Dessa forma, sentidos são coconstruídos de forma conjunta por todos os seres vivos e não vivos presentes no contexto.

Na figura abaixo, apresento o meme do Pica-Pau que diz respeito ao contexto cultural norte-americano. Como efeito transformador do meme, percebo a presença de uma bandeira ligada aos Estados Unidos, somado a imagem do capuz que está ligado à organização terrorista Kux Kux Klan (KKK), que defende a supremacia branca e a segregação racial. Tais elementos transformam o meme – se comparado à Figura 13, com carga mais humorística –, que passa a ter um caráter mais sério, pois diz respeito a assuntos delicados, em específico para as pessoas que viveram e vivem no país em questão. Como apontado na figura anterior, percebo o elemento semiótico-material do capuz, que tem uma carga significativa tão forte que é capaz de sobrepor o caráter humorístico do meme, de forma que isso gera um outro tipo de sentido.

**Figura 15 - Pica Pau como membro da KKK**

**Quando você é do sul dos Estados Unidos  
e querem acabar com a escravidão**



Fonte: História No Paint (2016).

Ressaltar esses fatores na leitura do meme converge com a perspectiva de não separar os aspectos materiais e linguísticos do processo de comunicação, percebendo-os, assim, como indissociáveis. Segundo Shankar e Cavanaugh (2017, p. 1, grifos no original),

[t]eorizar a linguagem materialmente é um movimento ontológico – vê-la como uma presença material com propriedades físicas e metafísicas e como embutida em estruturas políticas econômicas. Em vez de ver a linguagem e a materialidade em conjunto ao conceituar a materialidade paralelamente, mas distintamente da linguagem, focamos a materialidade *da* linguagem, ou o que chamamos de *materialidade linguística*.<sup>21</sup>

Dessa maneira, ao realizar a leitura desse meme, os aspectos sociais e políticos, por exemplo, são intrínsecos a ele, o que afasta a ideia do meme como gênero carnavalesco, que apesar de assumir um tom irônico, trata de um assunto socialmente relevante. Percebo essa como uma das potencialidades do meme.

Em seguida, discorro sobre um outro meme que diz respeito a um momento histórico.

<sup>21</sup> Original: “[t]o theorize language materially is an ontological move – to view it as a material presence with physical and metaphysical properties and as embedded within political economic structures. Rather than view language *and* materiality in tandem by conceptualizing materiality alongside but distinct from language, we focus instead on the materiality *of* language, or what we call *language materiality*.”

**Figura 16** - Menina rolezeira na Revolução Industrial

**Quando você está no século XIX, fica 18 horas trabalhando chega no seu patrão e fala:**



Fonte: História No Paint (2016).

Como é possível observar na figura acima, seu conteúdo trata do período da Revolução Industrial e faz referência ao trabalho infantil da época. A partir do meme da menina rolezeira, o foco volta-se para um conteúdo histórico específico. Nesse processo de significação, além do seu conteúdo linguístico, percebo os elementos semióticos na imagem, como o rosto da menina rolezeira feliz e mal editado para a figura, o semblante de tristeza da criança submetida a várias horas de trabalho, assim como a cor sépia da foto de fundo que remete a uma situação triste e desanimadora. Os elementos que constituem o meme são tão relevantes quanto o seu aspecto linguístico. De acordo com Shankar e Cavanough (2017, p. 6),

[o]s significados da materialidade são centrais para conceituar como os humanos encontram, vivenciam e interagem com seus arredores. Discernir esses significados envolve estudar a percepção e a relação dos corpos com o tempo e o espaço, bem como esforços para compreender e/ou conceituar a relação das mentes humanas com seus ambientes – por meio de seus corpos, suas histórias, seus ambientes naturais e construídos.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Original: “[m]eanings of materiality are central to conceptualizing how humans encounter, experience, and interact with their surroundings. To discern those meanings involves studying perception and the relationship of bodies to time and space, as well as efforts to understand and/or conceptualize the relationship of human minds to their environments – via their bodies, their histories, their natural and built environments”.

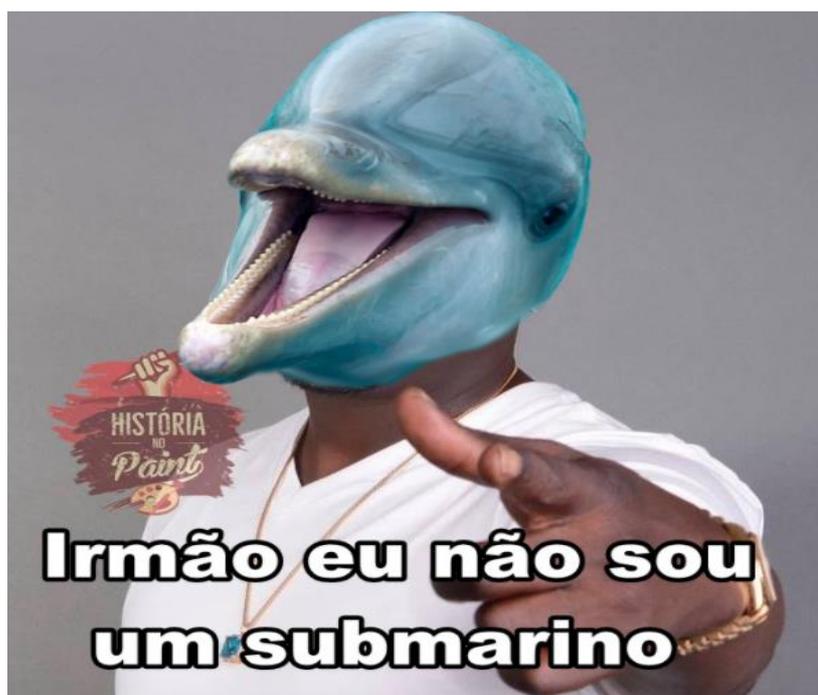
Somado a isso, é importante considerar os aspectos culturais que esse meme aborda, como a visualização desse tipo de atividade como algo positivo já que, por estarem trabalhando, as crianças não estão brincando ou realizando atividades ilícitas. Em outras culturas, isso pode ser visto como algo ultrajante, já que consideram o tempo de lazer como algo vital para a qualidade de vida. Assim, esses fatores demonstram como o meme pode ser interpretado, abordado e expandido. Shankar e Cavanaugh (2017, p. 11) corroboram que

[a] percepção é um elemento ativo do ser, e a materialidade do lugar pode ser experimentada de várias maneiras. Os antropólogos ampliaram essa conversa, observando como a cultura molda a percepção, complicando as categorias por meio das quais as pessoas dão sentido ao material. Seja por meio de entendimentos simbólicos da cultura ou de ênfases materialistas impregnadas de economia política, a materialidade das coisas e seu significado materialista revelam a profunda importância da comunicação na compreensão da cultura material.<sup>23</sup>

Nesse sentido, considero importante interpretar os aspectos culturais abordados nos memes, tendo em vista as materialidades que constituem o enunciado e, conseqüentemente, englobam elementos sociais, políticos e econômicos, por exemplo. Observemos a seguir outro meme que envolve claramente questões material-discursivas ao aliar elementos semióticos de um animal a um ser humano na apresentação de seu enunciado:

---

<sup>23</sup> Original: “[p]erception is an active element of being, and the materiality of place can be experienced in a number of ways. Anthropologists extended this conversation by attending to how culture shapes perception, complicating the categories through which people make sense of the material. Whether through symbolic understandings of culture or materialist emphases steeped in political economy, the materiality of things, and their materialist significance, reveals the deep importance of communication in understanding material culture”.

**Figura 17** - Akon como golfinho

Fonte: História No Paint (2016).

Na figura acima, apresento um meme que tem uma característica peculiar: o rosto de um golfinho em um corpo humano. Este meme do Akon, cantor e rapper conhecido internacionalmente, tem a sua face substituída pela de um golfinho, que, a partir da legenda, remete ao fato de que os golfinhos possuem sonares, como os submarinos. Entendo que este meme seja relevante para pontuar como as condições materiais são, em certos casos, necessárias para o processo de significação, de modo que “[a] linguagem nunca existe fora dessas condições materiais ou fora de seus momentos de desenvolvimento”<sup>24</sup> (SHANKAR; CAVANOUGH, 2017, p. 13).

Tais elementos participam ativamente do processo de formação e transformação do meme, o que o torna um gênero altamente volátil que perpassa diversas esferas. Apesar da dificuldade em definir características do meme, neste trabalho, discorro sobre suas particularidades mais sobressalientes. Entretanto, reafirmo sua performatividade rizomática e saliento a importância de discutir as inúmeras possibilidades semióticas criadas por ele. Na próxima figura, apresento outro exemplo do meme Akon, com sua performatividade agora voltada para o conteúdo escolar de História que se refere a Dom

<sup>24</sup> Original: “[l]anguage never exists outside of these material conditions or apart from its moments of deployment”.

Pedro I sob o paradigma de interpretação da historiografia tradicional – o Dia do Fico (aliado a uma série de outras contingências histórico-sociais), que culminou com a Independência do Brasil, momento em que, sob o ponto de vista administrativo, o país se tornaria independente da metrópole portuguesa.

**Figura 18** - Akon como Dom Pedro I



Fonte: História No Paint (2016).

A partir do meme acima, recorro às questões discutidas por Soares (2002) sobre como os novos meios de comunicação impulsionam novas práticas sociais. O meme acima é um exemplo de como o ensino de História pode ser apresentado de forma bem direta, embora não concisa na medida em que, para entender a ideia, um público do Ensino Médio teria de ter conhecimento do contexto do Brasil da época em questão, somado à origem e à replicação do meme do Akon.

Por conseguinte, o meme pode assumir um papel não apenas de tratar de um mero conteúdo, mas de oferecer uma forma de comunicação tanto social quanto escolar, uma vez que pode ser dotado de características que tornam possível a sua utilização para alcançar objetivos educacionais (GIESBRECHET, 2009; REINKING et al., 1998).

Por conseguinte, é possível perceber como os elementos materiais têm tanta carga significativa quanto discursos. Apesar da atribuição de sentidos estar atrelada à interpretação do ser humano, elementos e seres não-humanos geram produções semióticas de diferentes tipos em suas relações com os seres humanos. Isso fica claro ao

considerarmos a agência de uma casa, por exemplo. Não é especificamente o ser humano, como sujeito, que atribui os significados que ela emana, mas ela própria, pela questão da sua materialidade atrelada a construções sociodiscursivas, que se apresenta como algo relativamente fixo, rígido, familiar, sagrado, dentre inúmeras outras cargas de sentido, que interpelam os seres humanos e, assim, geram determinadas relações que ele cria com ela.

### 3.3 Os elementos que constituem o meme e como ele se (trans)forma

Nesta seção, busco discutir sobre a composição do meme e como ele se (trans)forma, de modo a assumir novos elementos semióticos que tendem a refletir o contexto em que está inserido. Viso a abordar como o meme pode ser replicado e (trans)formado em decorrência de sua potencialidade para adaptação a novos contextos. Tais elementos contribuem com o desencadeamento de (res)significações a partir de como o meme é criado e recriado pelos seus interlocutores, bem como por agentes não-humanos.

Com o intuito de desenvolver essa discussão, apresento o meme abaixo:

**Figura 19** - Homer e Bart Simpson



Fonte: História No Paint (2016).

Na figura acima, é apresentado um recorte de um episódio dos *Simpsons*, em que o filho de Homer Simpson – Bart – ameaça seu pai pelas costas com uma cadeira. Nesse contexto, está implícito um golpe surpresa, de uma pessoa inesperada, e, ao ser transformado em um meme, os personagens passam a representar outras coisas e/ou pessoas, a partir de suas legendas.

O conteúdo abordado no meme trata da Primeira Guerra Mundial e de como cada um dos acontecimentos mencionados foi desprevenidamente atacado pelo outro. Chamo a atenção, neste meme, para as suas diferenças em relação ao meme “original”, isto é, em relação às figuras 19 e 20 deste capítulo. Em sua primeira versão (Figura 20), há duas pessoas, e se pretende atingir uma delas; na segunda versão (Figura 19), há três pessoas, e entende-se que duas serão atingidas de surpresa. Enfatizo que não apenas diversos textos, imagens e áudios podem ser transformados em memes, mas que também o próprio meme pode se transformar em um novo meme. Desse modo, é pontual visualizar como o papel do autor e do leitor – cujos papéis às vezes podem se alternar – se entrelaçam na produção de sentidos, uma vez que ambos atribuem carga significativa no momento de sua interpretação, produção e replicação.

Outro ponto relevante é a questão da espacialidade dos elementos, no caso da Figura 19 no próprio meme. O ato de atacar seu pai desprevenido não ocorre em uma situação qualquer, mas em uma situação em que o adulto está desprevenido em seu momento de banho – o que gera um tom cômico por tratar de uma situação inusitada que remete à vida real.

Um elemento importante do meme é a sua fonte. Como pude perceber, as fontes utilizadas nos memes da página seguem um mesmo padrão: fonte Arial, tamanho alterado e fundo branco com bordas pretas. Murphy (2017) discute como as fontes escolhidas podem ser determinantes na interpretação de seu conteúdo. O autor apresenta uma situação ocorrida na rede social Twitter, na qual diversos usuários diminuem a relevância do trabalho do físico Joseph Incandela por ele utilizar a fonte Comic Sans em uma apresentação de trabalho em um evento científico. Segundo alguns usuários, os slides dos trabalhos científicos elaborados com essa fonte não teriam o mesmo padrão de qualidade dos trabalhos apresentados com outras fontes.

Dessa maneira, percebo como esse elemento material é significativo nesse processo de construção semiótica do meme, pois a partir de situações como a de Incandela, questiono como os memes da página poderiam ser interpretados caso fosse utilizada uma fonte como a Comic Sans. Os usuários questionariam as informações? Poderia esse ser um motivo de escárnio? Esses questionamentos dizem respeito ao fato de que os memes não são apenas produções *humanas*, mas embricadas com fatores não-humanos que o constituem em um certo espaço.

Nesse sentido, sublinho como os elementos humanos e não-humanos são indissociáveis. Ademais, é relevante pontuar que, ao fazer a análise desses memes, uso

óculos para poder visualizar com clareza o meme e seu conteúdo, encontro-me em um local físico bem arejado, desenvolvo a discussão por meio do computador etc. Além dessas materialidades, também há a ocorrência de movimentos diversos que me interpelam, como a minha família solicitando ajuda em alguma tarefa, as propagandas que aparecem em minha navegação enquanto pesquiso, as mensagens que troco com minha coorientadora para a realização deste trabalho etc.

Na figura abaixo, apresento um outro meme do desenho *Os Simpsons*, o qual aborda a Crise de 1929 nos Estados Unidos, evento que assolou o mundo inteiro com a depressão econômica. Como observo na imagem, há vários elementos que são coconstituídos com enunciados: o “lucro” se torna a água dentro da banheira; os “empresários” são representados por Homer Simpson; a “superprodução” aparece na imagem da cadeira que será atirada no Homer; e Bart Simpson simboliza a “Crise de 1929”. Portanto, cada elemento é representado pelos seus enunciados, e existe uma ordem de leitura em efeito dominó, onde, ao ser atingidos, cada um gera um impacto no seguinte

**Figura 20** - Homer e Bart Simpson 2



Fonte: História No Paint (2016).

Dessa forma, a partir desse meme, noto a produção semiótica produzida somada ao aspecto material e socioeconômico que aborda um contexto histórico comumente estudado no período escolar. Ao considerar os aspectos materiais desse meme, corroboro a asserção de Shankar e Cavanaugh (2017, p. 2) de que

as análises materialistas da linguagem têm trazido à tona as maneiras pelas quais a linguagem está embutida nas estruturas e relações político-econômicas, enquanto os estudos da linguagem com foco no som ou na ortografia, por

exemplo, têm considerado a presença física da linguagem como uma parte essencial de como isso é experimentado e compreendido [...]. [A] linguagem requer formas físicas e desempenha um papel nas relações político-econômicas – e, se vista como prática material constitutiva, pode lançar luz produtivamente sobre sua materialidade.<sup>25</sup>

Relaciono a imagem abaixo a essa discussão, ao apontar para a materialidade das formas, fontes e cores nos textos do meme, as quais marcam não apenas cada enunciado, mas também materializam sua carga enunciativa de discurso quanto a pontos de destaque.

**Figura 21** - Menina rolezeira na lua

**Quando você precisa  
ganhar a corrida espacial  
mas não tem tecnologia  
o suficiente para fazer isso**



Fonte: História No Paint (2016).

Por exemplo, os tons atribuídos às frases são diferentes, sendo o acima da imagem mais sério e o abaixo mais irônico e humorístico. Segundo Shankar e Cavanaugh (2017, p. 13),

[a]tentar-se para a materialidade do contexto ao lado do uso da linguagem

<sup>25</sup> Original: “[m]aterialist analyses of language have brought to the fore the ways in which language is embedded within political economic structures and relations, whereas studies of language focusing on sound or orthography, for instance, have looked at the physical presence of language as an essential part of how it is experienced and made sense [...]. [L]anguage both requires physical forms and plays a role in political economic relations – and, if viewed as constitutive material practice, can productively shed light on its materiality.

também significou investigar como pedaços de textos, falados ou escritos, circulam entre os contextos; a saber, um foco na intertextualidade e interdiscursividade (Agha e Wortham 2005; Briggs e Bauman 1992; Hall 2005). O trabalho nessa área tem envolvido o rastreamento de como “artefatos de texto” (Silverstein e Urban 1996) viajam através de contextos e a determinação de quais tipos de transformações esse processo acarreta. Aqui, a materialidade pode ser trazida para análises linguísticas através da atenção à sua medialidade, às formas materiais do(s) texto(s) em questão (se é gritado ou sussurrado, como é armazenado, ou se suas páginas boloram ao longo do caminho), bem como focando como os contextos linguísticos apoiam, complicam ou até impedem a circulação.<sup>26</sup>

Outro ponto que percebo que esse meme aborda é a questão política, pois ele faz referência ao contexto da corrida espacial, à competição entre União Soviética<sup>27</sup> e Estados Unidos para conquistar o posto do país que levaria a primeira pessoa à lua. A partir do cenário humorístico da Menina Rolezeira, observo que o meme sugere que não é real o fato dos Estados Unidos terem vencido a corrida espacial, por se tratar apenas de uma filmagem amadora com o intuito de vencer a corrida. Dessa forma, a materialidade ligada a esse meme não consiste apenas em aspectos discursivos e linguísticos, mas também em todo um cenário político-econômico *materialmente* disposto. Shankar e Cavanaugh (2017, p. 14) corroboram que

[a]s perspectivas materialistas, ao mobilizar quadros de análise político-econômica, usaram as lentes da ideologia, o mercado linguístico ou estruturas do poder econômico político para iluminar as dimensões do que a linguagem é e faz. Ideologias linguísticas incorporaram a compreensão dos falantes de suas práticas linguísticas e posicionamentos junto a outros tipos de dados linguísticos e etnográficos, e ofereceram uma maneira de olhar além da comunicação face-a-face e ver a língua como incorporada nas economias políticas nacionais e regionais. Todas oferecem perspectivas valiosas sobre como pensar materialmente sobre a linguagem/língua por meio de sua interação com objetos materiais ou localizações; a natureza emergente de sua relação com o contexto; ou suas conexões essenciais com estruturas, processos e ideologias político-econômicos.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> Original: “[a]ttending to the materiality of context alongside language use has also meant investigating how bits of texts, spoken or written, circulate across and among contexts; namely, a focus on intertextuality and interdiscursivity (Agha and Wortham 2005; Briggs and Bauman 1992; Hall 2005). Work in this area has involved tracking how “text artifacts” (Silverstein and Urban 1996) travel across contexts and determining what types of transformations this process entails. Here materiality can be drawn into linguistic analyses through attention to its mediality, the material forms of the text(s) in question (if it is shouted or whispered, how it is stored, or whether its pages mildew along the way), as well as through focusing on how linguistic contexts support, complicate, or even prevent circulation”.

<sup>27</sup> A União Soviética ou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi uma nação que existiu entre 1922 e 1991. A União Soviética surgiu como resultado direto da revolução russa, que aconteceu em 1917 e transformou a Rússia em uma nação socialista (SILVA, 2021).

<sup>28</sup> Original: “[m]aterialist perspectives, bringing political economic frames of analysis to bear, used the lenses of ideology, the linguistic marketplace, or structures of political economic power to illuminate dimensions of what language is and does. Language ideologies incorporated speakers’ understandings of their linguistic practices and positionings alongside other types of linguistic and ethnographic data, and offered a way to look beyond face-to-face communication and see language as embedded within national

Com base nas reflexões anteriores, argumento que seja relevante discutir sobre como alguns memes que emergiram da página analisada podem contribuir com indagações sobre discursos hegemônicos sobre este objeto de discussão, os quais perpetuam a ideia dele como um gênero raso e que se limita a um conteúdo humorístico de curta duração. A partir dessas reflexões, busco apresentar a transgressão do meme como apenas humor, ou uma ideia efêmera, e como ocorrem essas transgressões. O contexto da página *História No Paint* é fortemente marcado politicamente, de maneira que apresenta conteúdos que não são apenas cômicos, mas também informativos e educativos. Esta percepção dialoga com a ideia do gênero meme como algo em constante processo de adaptação e transformação. Para tratar dessa discussão, apresento a Figura 22:

**Figura 22**– Menina rolezeira americana



Fonte: História No Paint (2016).

O meme apresentado acima advém do vídeo sobre “rolezinhos”, feitos por adolescentes que vivem em periferias, e que aos fins de semana se encontram em

---

and regional political economies. All offer valuable perspectives on how to think about language materially through its interplay with material objects or locations; the emergent nature of its relationship to context; or its essential connections to political economic structures, processes, and ideologies”.

determinados lugares para se divertir, fazer festas, dançar etc. O vídeo viralizou e, por consequência, se desdobrou em diversos memes, na forma de imagens e vídeos (PINTO, 2021).

A página *História No Paint* fez a postagem da imagem da menina que viralizou, no qual havia o enunciado “E aí, vamo fechar?”, que significa “Vamos ficar? Vamos nos beijar?”. Os responsáveis pela página transformaram o meme com o objetivo de inserir um determinado contexto político, ao perguntar “E ae, vamo democratizar?”, acompanhado de um pano de fundo no qual haveria um suposto país com muito petróleo, algo aparentemente visado pelos Estados Unidos. Por meio desse meme, aponto que a ideia de ele ser *meramente* superficial e cômico não se sustenta, uma vez que sua profundidade semiótica não está ligada a enunciados longos, mas ao conteúdo criado pelos vários recursos semióticos disponíveis.

Apesar de apresentar enunciados breves, os memes podem ter conteúdos política e socialmente relevantes. Nesse sentido, o gênero ciborgue, defendido neste trabalho, se adapta a diversas situações e contextos, ao fazer uso de diferentes elementos de forma rápida e dinâmica.

As características do meme que foram apresentadas e discutidas corroboram as proposições que defendo e, paralelamente, fomentam uma oposição em relação às particularidades do meme propostas segundo Dawkins (1976), especialmente no que concerne às características de fidelidade, fecundidade e longevidade. Questiono: o meme seria fiel a que(m) e em qual sentido? Como vimos na Figura 22, na medida em que o meme é transformado, novos elementos são agregados e, assim, novos sentidos são construídos. Nesse sentido, enfatizo a questão dos elementos espaciais, que não considerados por Dawkins (1976), mas desempenham um importante papel. Ademais, no que tange à fecundidade, quanto maior o número replicações do meme, maiores as chances de ele ser “distribuído”, aspecto que se assemelha a minha percepção do gênero, uma vez que quanto maior sua replicação, maiores as chances de ele se apresentar em diferentes mídias. Já em relação à característica de longevidade, acredito que pode ser exemplificada pelo meme do *Chapolin Colorado*, ou até mesmo do *Willy Wonka*, uma vez que são conteúdos de décadas atrás, reproduzidos como memes há pelo menos uma década, porém ainda marcadamente presentes em contextos midiáticos. Acredito que é importante lembrar que os aspectos atribuídos por Dawkins (1976) foram propostos antes do surgimento da internet, e, dessa maneira, “sem base empírica, isto é, com foco apenas em discussões e reflexões sobre a temática” (VIEIRA; STEFANO, 2019, p. 7).

Por fim, é relevante mencionar que uma análise a partir das teorias dos multiletramentos seria diferente de uma análise de uma perspectiva pós-humanista. Com base nas reflexões de Canagarajah (2018), acredito que a perspectiva dos multiletramentos, que separa as características em “modos”, tende a seguir uma determinada estrutura para suas análises. Segundo o autor, “[e]m estudos de multimodalidade, há uma tendência de invocar e interpretar os valores, significados e estruturas predefinidas de cada modalidade separadamente”<sup>29</sup> (CANAGARAJAH, 2018, p. 12). Em contrapartida, uma perspectiva pós-humanista não entende os elementos como predispostos, separados em qualquer sentido, mas como emaranhados e coconstitutivos, de modo que são criadas *assemblages* sempre moventes.

---

<sup>29</sup> Original: “[i]n multimodality studies, there is a tendency to invoke and interpret the predefined values, meanings, and structures of each modality separately”.

## Considerações finais

Esta parte da dissertação está organizada em duas seções: respostas às perguntas de pesquisa e últimas palavras. Dessa maneira, busco responder aos questionamentos que direcionaram a pesquisa e, em seguida, apresentar algumas reflexões finais, limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.

### *Respostas às perguntas de pesquisa*

1) O que o meme, em sua configuração rizomática, engloba em termos material-discursivos, a partir de uma leitura pós-humanista?

Uma concepção do meme como gênero ciborgue permite compreender os seus aspectos discursivos e materiais, ou mesmo material-discursivos. Considerar os objetos que interpelam discursos, a disposição dos elementos, as condições climáticas etc., isto é, a materialidade, é algo que torna a visão sobre o meme algo particular. Nesse sentido, o meme não é percebido apenas como uma criação humana, mas como algo que emerge a partir de todos os elementos que interpelam as pessoas e, com elas, produzem o meme. Assim, por meio dessa perspectiva, novas questões podem emergir e, conseqüentemente, ser consideradas no processo de significação.

Apesar de ter discorrido brevemente sobre possibilidades de pesquisas com o enfoque em questões éticas, sociais e políticas dos memes, neste estudo, tratei mais especificamente da consideração da materialidade dos elementos que potencializam a (re)construção do meme. Por conseguinte, acredito que este estudo tenha contribuído com a área das linguagens na medida em que buscou desconstruir o paradigma humanista que centraliza o papel do ser humano no processo de significação.

Ao considerar uma perspectiva rizomática em relação ao processo semiótico, estudos que envolvem os memes podem se apoiar em aspectos como sua dinamicidade e fluidez, ao se adaptar a um novo contexto, ao se tornar um elemento viral e ao se transformar dentro de e em diferentes tipos de mídia.

2) Como o meme, como gênero ciborgue, se (trans)forma e quais elementos o constituem?

A partir desse questionamento, busquei discutir algumas das características significativas do gênero ciborgue, no entanto, sem a intenção de restringir suas possibilidades. Dessa maneira, apresento essas particularidades a fim de exemplificar sua performatividade.

Percebo que o meme compreende algumas características que o estabilizam relativamente, tais como o seu meio de veiculação, na medida em que ele é replicado, transformado e viralizado dentro do ambiente digital. No entanto, ressalto que ele transgredir esse ambiente, de maneira que pode ser replicado e/ou modificado para determinados fins, na forma de áudio, painel publicitário, brinquedos etc., como visto nas figuras 1, 2, 3 e 4.

Outra questão abordada foi o caráter humorístico do meme. Frequentemente essa característica é tratada de forma reducionista, na medida em que se enfatiza a ideia de que o meme é *apenas* um gênero conciso, cômico e superficial. Com base nas análises feitas, percebo que, muitas vezes a superestimação da característica humorística dele pode ofuscar a importância de fatores culturais, sociais e políticos também presentes nesse gênero, os quais usualmente demonstram a profundidade do conteúdo sobre o qual ele pode enunciar.

No entanto, de modo geral, seu alto grau de replicação em diferentes mídias revela essa particularidade como relativamente estável. Ao viralizar, seja em um ambiente digital ou não, um meme consegue passar por diversos veículos, de modo que pode até mesmo ser capitalizado, como no caso do meme *perro*, apresentado na Figura 4. Aliado a isso, percebo o caráter colaborativo do gênero, isto é, a cada replicação, suas características mudam de acordo com seu ambiente. Contudo, apesar de outros gêneros também terem essa característica, percebo que, especificamente no caso do meme, esse processo ocorre de forma altamente veloz e instável.

Dessa maneira, percebo as potencialidades e as finalidades do meme como rizomáticas. O meme tende a transgredir a estabilidade delimitada para os gêneros em geral e, por isso, me refiro a ele como gênero ciborgue. Além disso, o meme não se restringe à oralidade, à escrita, ao meio digital etc., mas possui um caráter transformativo que o permite assumir diversas formas e circular em inúmeros tipos de esferas.

### *Últimas palavras*

Uma compreensão do meme como gênero ciborgue visa a contribuir com os

estudos da linguagem de forma que seja enfatizado o papel e a importância da materialidade no processo de significação. As reflexões apresentadas nesta dissertação apontam não apenas para questões relacionadas ao gênero no que tange a aspectos semióticos, mas também para questões mais amplas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Somado a isso, ao propor a percepção do meme como gênero ciborgue, a partir de seu caráter dinâmico e instável, ao acontecer e se replicar, e de seu aspecto rizomático que caracteriza seu processo de se transformar, este estudo pode se configurar como relativamente inovador. Todavia, é importante observar que, por se tratar de um gênero com características específicas que o diferenciam de outros, há uma certa prescritibilidade que possibilita que ele possa ser tratado e discutido por acadêmicos e não-acadêmicos e uma determinada estabilidade que inculca sua trans(formação) nas mídias digitais. A partir dessas considerações, este trabalho também buscou instigar a realização de outras pesquisas sobre o meme com enfoques diversos, tais como a ética e memes, tecnologias e memes, questões sociomateriais que os memes evoluem etc.

Procurei elencar algumas características que tornam o meme um gênero *relativamente* estável, tais como: seus meios de veiculação; seu caráter, na maioria das vezes, humorístico; seu alto grau de replicação em diferentes mídias; sua possibilidade de circulação em diversas esferas; seu alto grau de instabilidade; e sua natureza altamente maleável e colaborativa. Porém, não busquei estabelecer critérios do que *é* ou *não é* um meme, mas discutir as diversas maneiras pelas quais ele pode ser transformado. No entanto, saliento que foi necessário conceituá-lo, em certa medida, para, assim, poder interpretá-lo e desenvolver a proposta dele como gênero ciborgue.

Em termos rizomáticos, não há um objetivo concreto para o seu acontecimento. Assim como a sua criação, ora singular, ora colaborativa, a sua finalidade é instável, de modo que forma um rizoma que contempla suas instabilidades tanto em relação aos elementos semióticos e de veiculação quanto ao que tange aos seus enunciados.

Considero que esta pesquisa teve algumas limitações especialmente em relação ao seu tempo, devido ao curto período de realização do mestrado. Acredito que, com um prazo maior, outras questões poderiam ter sido analisadas e discutidas. Além disso, o caráter rizomático e instável do meme, que orientou as reflexões do texto, poderia ter sido refletido de forma mais incisiva na metodologia, que durante o percurso do trabalho, sofreu diversas alterações devido a outras leituras sobre o tema. Entretanto, acredito que o desenvolvimento deste trabalho tenha sido importante e relevante para a área no sentido de que estimula a realização de pesquisas sobre os memes com outros enfoques.

Com base no que mencionei, ainda em relação à metodologia do trabalho, acredito que seria algo que faria diferente durante a realização da pesquisa. Uma vez que os estudos que abarcam o Pós-humanismo são relativamente recentes, tê-lo como princípio orientador foi algo consideravelmente novo, o que resultou em diversas mudanças conforme as leituras foram sendo realizadas e discutidas. Penso que o formato, não apenas da metodologia, mas do trabalho acadêmico como um todo poderia ter sido mais ousado e transgressivo. Por exemplo, os capítulos, as imagens, as seções, as citações poderiam ter sido distanciadas de moldes e regras, na direção de algo mais fluido e instável, como é tanto o meme quanto a construção de uma pesquisa nessa perspectiva.

Acredito que, a partir deste trabalho, pude desenvolver ainda mais a minha caminhada como pesquisador e como profissional da área de Letras. O tema tratado nesta dissertação pode ser considerado atual e relevante também para o contexto escolar, inclusive para o ensino infantil, no qual atuo. A meu ver, estudar as particularidades do gênero meme – tão presente em nossas vidas – é importante para podermos trabalhá-lo em sala de aula e, assim, entender o seu funcionamento e seus impactos sociais, na medida em que ele implica um processo de comunicação dinâmico que tem caracterizado a nova geração de alunos.

Outro ponto que considero relevante é a importância do estudo ligado ao nosso contexto. No meu caso, o meme é algo que estudo desde a graduação e do qual faço uso nas minhas práticas, em sala de aula. Dessa maneira, não realizei um estudo que se afastou do que eu vivencio. Pelo contrário, desenvolvi reflexões que me aproximaram de aspectos profissionais, e mesmo pessoais, que vão ao encontro dos meus interesses.

## Referências

ACIMA DA MÉDIA. Livro: o gene egoísta, por Richard Dawkins | Evolucionismo e seleção natural. **Youtube:** Acima da Média, ago. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=675FeLs8feI>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

ANDRADE, A. V. F. **Multiletramentos no contexto escolar:** as mídias digitais no ensino do gênero notícia. 2017. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – CPAQ, 2017.

ANDRADE, A. V. F. Repertórios espaciais na sociedade pós-tipográfica: (re)construindo significados a partir dos memes. Apresentado na **V Jornada de Educação, Linguagem e Tecnologia (V JELT)**. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), São Paulo, maio 30-31, 2019.

A FANTÁSTICA fábrica de chocolate. Direção: Mel Stuart. Estados Unidos: Paramount Pictures e Warner Bros. Pictures, 1971. 1 DVD (100 min.).

BAKHTIN, M. ‘Os gêneros do discurso’. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 261-306.

BARAD, K. Posthumanist performativity: toward an understanding of how matter comes to matter. **Signs: Journal of Women in Culture and Society**, v. 28, n. 3, p. 801-831, 2003.

BARAD, K. **Meeting the universe halfway:** quantum physics and the entanglement of matter and meaning. Durham, NC: Duke University Press, 2007.

BARBOSA, V. L.; MACIEL, R. F. Letramento crítico nas aulas de língua portuguesa: discutindo processos de construção de sentidos. **Guavira Letras**, v. 14, p. 218-297, 2018.

BENNETT, J. **Vibrant matter:** a political ecology of things. Durham and London: Duke University Press, 2010.

BRAIDOTTI, R. Posthuman critical theory. In: BANERJI, D.; PARANJAPÉ, M. (Ed.). **Critical posthumanism and planetary futures**. New Dheli: Springer, 2016. p. 13-32.

BUCHOLTZ, M. Why bodies matter. In: SHANKAR, S.; CAVANAUGH J. R. **Language and materiality:** ethnographic and theoretical explorations. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 260-264.

BUZATO, M. E. K. O pós-humano é agora. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 2, p. 478-495, 2019.

BUZATO, M. Presença, ausência, padrão e aleatoriedade: um comentário pós-humanista. **Youtube:** Multiletramentos e Ensino, junho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9eRJrAd58F8&t=275s>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

BUZATO, M. E. K. et al. Remix, mashup, paródia e companhia: por uma taxonomia multidimensional da transtextualidade na cultura digital. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 13, n. 4, p. 1191-1221, 2013.

CANAGARAJAH, S. Translingual practice as spatial repertoires: expanding the paradigm beyond structuralist orientations. **Applied Linguistics**, v. 39, n. 1, p. 31-54, 2018.

CANAL 13. [Fotos] Así lucía el legendario personaje de “Willy Wonka” de la “Fábrica de Chocolates”. **T13**, agosto de 2016. Disponível em: <<https://www.t13.cl/noticia/tendencias/tecnologia/fotos-asi-luce-actualidad-protagonista-del-famoso-meme-willy-wonka>>. Acesso em: 7 de março de 2020.

CHIRIMBOTE. ¿Cuál es el más fuerte? **Instagram**, maio de 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CAIRURrH9Ch/>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

DAWKINS, R. **The selfish gene**. Oxford: Oxford University Press, 1976.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.

DENZIN, N. K. The death of data?. **Cultural Studies: Critical Methodologies**, v. 13, n. 4, 353-356, 2013.

DUBOC, A. P. M. Avaliação da aprendizagem de línguas e os multiletramentos. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 26, n. 63, p. 664-687, 2015.

EU SOU DO DEBOXY. Eu sou do deboxy. **Facebook**, 2019. Disponível em: <<https://www.facebook.com/113660893363995/videos/vb.113660893363995/399183640972377/?type=2&theater>>. Acesso em: 7 de março de 2020.

GIESBRECHT, N. **E-type the visual language of typography**. Vancouver, BC: University of British Columbia, 2009.

GIVEMECANDYNOWF. You can call me jiggly. **Twitter**, 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/givemecandynowf/status/1249053845264752644>>. Acesso em: 9 de maio de 2020.

GLETTTE, G. Cães e gatos pretos são menos adotados e ela fez um ensaio para tentar mudar isso. **Hypeness**, maio de 2019. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2019/05/caes-e-gatos-pretos-sao-menos-adotados-e-ela-fez-um-ensaio-para-tentar-mudar-isso/>>. Acesso em: 17 de janeiro de 2021.

GRUPO DAS OBRAS LITERÁRIAS. Grupo das obras literárias. **Facebook**, 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/1801429959949986/about/>>. Acesso em: 7 de março de 2020.

GUERRA, C.; BOTTA, M. G. O meme como gênero discursivo nativo do meio digital: principais características e análise preliminar. **Domínios de Linguagem**, v. 12, n. 3, p. 1859-1877, 2018.

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000. p. 33-118.

HAYLES, N. K. **How we became posthuman**: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

HAYRAN, A. Os 5 tipos de cachorros menos adotados em abrigos. **Portal do Dog**, 2020. Disponível em: < <https://www.portaldodog.com.br/cachorros/voceamigo/os-5-tipos-de-cachorros-menos-adotados-em-abrigos/>. Acesso em: 17 de janeiro de 2021.

HISTÓRIA NO PAINT. História No Paint. **Twitter**, setembro de 2014. Disponível em: < [https://twitter.com/HistoriaNoPaint?ref\\_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor](https://twitter.com/HistoriaNoPaint?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor)>. Acesso em: 31 de maio de 2020.

HISTÓRIA NO PAINT. História No Paint. **Facebook**, janeiro de 2016. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/Historianopaint/>>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

HISTÓRIA NO PAINT. História No Paint. **Instagram**, janeiro de 2018. Disponível em: < <https://www.instagram.com/historianopaintoficial/?hl=pt-br> >. Acesso em: 31 de maio de 2020.

HISTÓRIA NO PAINT. História No Paint. **Spotify**, abril de 2019. Disponível em: < <https://open.spotify.com/episode/3xIwOCzO8E75oQKV5pJQca>>. Acesso em: 31 de maio de 2020.

JUNIOR, E. Empresário usa ‘meme do caixão’ para alertar sobre quarentena: ‘Fique em casa’. **G1**, Sorocaba e Jundiaí, abril de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/04/16/empresario-usa-meme-do-caixao-para-alertar-sobre-quarentena-fique-em-casa.ghtml>>. Acesso em: 24 de julho de 2020.

KÁTIA. Museu dos memes entrevista: Chapolin Sincero. **Museu dos memes**, 2017. Disponível em: <<https://www.museudememes.com.br/museudememes-entrevista-chapolin-sincero/#:~:text=Renan%20Schwarz%20O%20Chapolin%20Sincero,que%20as%20pessoas%20iriam%20consumir>>. Acesso em 11 de janeiro de 2021.

KUNG FU Panda. Direção: Mark Osborne; John Stevenson. Produção de Melissa Cobb. Estados Unidos: Paramount Pictures e DreamWorks Animation, 2008. 1 DVD (92 min.).

LATHER, P. Top ten+ list: (re)thinking ontology in (post)qualitative research. **Cultural Studies ↔ Critical Methodologies**, v. 16, n. 2, p. 125-131, 2016.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MACHADO, G. Charge vs Meme – Gilmar Machado fala sobre o trabalho do chargista. **Youtube:** Evolucao Diaria, nov. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=I8L8m9VmtkU&feature=youtu.be>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2021.

MACHEMER, T. Christopher Columbus statues beheaded, pulled down across America. **Smithsonian Magazine**, junho de 2020. Disponível em: <<https://www.smithsonianmag.com/smart-news/christopher-columbus-statues-beheaded-torn-down-180975079/>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

MARTINS, E. E. B.; VIANA, R. F. Por uma visão de linguagem ciborgue e coletiva. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 2, p. 496-519, 2019.

MENDES, S. Página criativa mostra como podemos aprender história com memes. **Criatives**, 2018. Disponível em: <<https://www.criatives.com.br/2018/01/pagina-criativa-mostra-como-podemos-aprender-historia-com-memes/>>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

MIYAKI, M. J. L. The toppling of colonizer statues and the fight to reclaim indigenous history. **El Telecote**, junho de 2020. Disponível em: <<http://eltecote.org/content/en/the-toppling-of-colonizer-statues-and-the-fight-to-reclaim-indigenous-history/>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2020.

MOITA LOPES, L. P. Pesquisa interpretativa em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994.

MOORE, R. Language and materiality in the renaming of Indigenous North American languages and peoples. In: SHANKAR, S.; CAVANAUGH J. R. **Language and materiality: ethnographic and theoretical explorations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 204-225.

MURPHY, K. M. Fontroversy! Or, how to care about the shape of language. In: SHANKAR, S.; CAVANAUGH J. R. **Language and materiality: ethnographic and theoretical explorations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p. 63-86.

MURRIS, K. Rhodes must fall: a posthumanist orientation to decolonising higher education institutions. **South African Journal of Higher Education**, v. 30, n. 3, p. 274-294, 2016.

NAVAS, E. Regressive and reflexive mashups in sampling culture. In: SONVILLA-WEISS, S. (Ed.). **Mashup Cultures**. Wien; New York: Springer, 2010. p. 157-177.

O CHAPOLIN Colorado. Diretor: Roberto Gómez Bolaños. México: Televisa, 1970. 1 DVD (30 minutos).

PENNYCOOK, A. Translanguaging and semiotic assemblages. **International Journal**

of **Multilingualism**, v. 14, n. 3, p. 269-282, 2017.

PENNYCOOK, A. Applied linguistics as epistemic assemblage. **AILA Review**, v. 31, p. 113-134, 2018a.

PENNYCOOK, A. Posthumanist applied linguistics. **Applied Linguistics**, v. 39, n. 4, p. 445-461, 2018b.

PENNYCOOK, A. **Posthumanist applied linguistics**. Oxford and New York: Routledge, 2018c.

PENNYCOOK, A.; OTSUJI, E. Metrolingual multitasking and spatial repertoires: 'Pizza mo two minutes coming'. **Journal of Sociolinguistics**, v. 18, n. 2, p. 161-184, 2014.

PINTO, T. S. Rolezinhos e discriminação social. **Brasil Escola**, 2021. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/rolezinhos-discriminacao-social.htm>>. Acesso em 12 de janeiro de 2021.

REDBUBBLE. Finge estar commocionado meme. **Redbubble**, 2019. Disponível em: <<https://www.redbubble.com/es/people/talialif/works/35298180-finge-estar-commocionado-meme>>. Acesso em: 7 de março de 2020.

REINKING, D. et al. **Handbook of literacy and technology: transformations in a post-typographic world**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1998.

RIBAS, M. M. G. Em busca de uma concepção pós-humanista de gênero: relações com espaço e agência compartilhada. In: LIMA-LOPES, R. E.; BUZATO, M. E. K. (Ed.). **Gênero reloading**. Campinas, SP: Potes Editores, 2018. p. 43-65.

RIBAS, M. M. G. Repensando os letramentos pela perspectiva pós-humanista. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 2, p. 612-636, 2019.

SANTANNA, R. Suposto áudio da Anitta sobre a treta com o Pablo Vittar. **Youtube**: Roberto Santanna, setembro de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-n3qrOYT8PA>>. Acesso em: 31 de janeiro de 2021.

SENSUALISIMO. Andrés Sensualisimo. **Facebook**, julho de 2020. Disponível em: <[https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157674758774716&set=a.10150226514159716&comment\\_id=10157678933054716&notif\\_id=1594741735756913&notif\\_t=feedback\\_reaction\\_generic&ref=notif](https://www.facebook.com/photo/?fbid=10157674758774716&set=a.10150226514159716&comment_id=10157678933054716&notif_id=1594741735756913&notif_t=feedback_reaction_generic&ref=notif)>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

SERASA CONSUMIDOR. Devendo 70 mil dólares para uma cantora?. **Instagram**, agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/B01gelbA1IQ/>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

SHANKAR, S.; CAVANAUGH J. R. Toward a theory of language materiality: an introduction. In: SHANKAR, S.; CAVANAUGH J. R. **Language and materiality: ethnographic and theoretical explorations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017. p.1-28.

SILVA, D. N. “União Soviética”. **Brasil Escola**, março de 2021. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/uniao-sovietica.htm>>. Acesso em: 22 de março de 2021.

SLEMAN, G. Jovem faz sucesso na internet ao ensinar História com memes: a página ‘História no Paint’ é referência para professores e agora virou podcast. **Band News FM Rio**, agosto de 2019. Disponível em: <<http://bandnewsfmrio.com.br/editorias-detalhes/jovem-faz-sucesso-na-internet-ao-ensinar-hist>>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educ. Soc.**, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

SOUSA, L. P. Q. Formação docente colaborativa pós-humanista crítica: desconstruções e reconstruções do processo ensino-aprendizagem de língua inglesa. In: IX Seminário de Línguas Estrangeiras, 2018, Goiânia. **Anais do IX Seminário de Línguas Estrangeiras**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2018. p. 318-341.

SOUSA, L. P. Q.; PESSOA, R. R. Humans, nonhuman others, matter and language: a discussion from posthumanist and decolonial perspectives. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 2, p. 520-543, 2019.

SOUZA, H. C. A. Memes (?) do Facebook: reflexões sobre esse fenômeno de comunicação da cultura ciber. **Temática**, v. 10, n. 7, p. 156-174, 2014.

SOUZA, T. Dono de perfil de humor é condenado em R\$ 100 mil por usar foto de idoso em memes: ainda cabe recurso contra a decisão da Justiça goiana. **TOP Mídia News**, agosto de 2019. Disponível em: <<https://www.topmidianews.com.br/geral/dono-de-perfil-de-humor-e-condenado-em-r-100-por-usar-foto-de-idoso/115228/>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

ST. PIERRE, E. A. Post qualitative research: The critique and the coming after. In: DENZIN, N. K.; YVONNA, L. S. (Ed.). **The SAGE handbook of qualitative research**. 4th ed. Los Angeles, CA: Sage, 2011. p. 611-635.

ST. PIERRE, E. A. Postqualitative inquiry. **Keynote lecture at the Australian Association of Research in Education**. New Zealand Association for Research in Education Brisbane, Australia, 02 de dez., 2014. p. 1-31. Disponível em: <<https://www.aare.edu.au/assets/documents/Elizabeth-Adams-St.-Pierre-ppt-presentationv1.pdf>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

TAKAKI, N. H.; MACIEL, R. F. **Letramentos em terra de Paulo Freire**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2017.

TAKAKI, N. H. Thought-provoking ‘contamination’: applied linguistics, literacies and posthumanism. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 2, p. 579-611, 2019.

TAKAKI, N. H. Por uma autoetnografia/autocrítica reflexiva. **InterLetras**, v. 8, n. 31, p. 1-20, 2020a.

TAKAKI, N. Universidade, sociedade e ética: pra quem?. **Youtube**: Daniel Ferraz, agosto de 2020b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M1-FXmyABEA>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

TECNO. La historia detrás del meme de “la chica Kombucha”: se hizo viral por probar una bebida. **Tn**, outubro de 2019. Disponível em: <[https://tn.com.ar/tecno/f5/la-historia-detras-del-meme-de-la-chica-kombucha-se-hizo-viral-por-probar-una-bebida\\_1004857](https://tn.com.ar/tecno/f5/la-historia-detras-del-meme-de-la-chica-kombucha-se-hizo-viral-por-probar-una-bebida_1004857)>. Acesso em: 7 de março de 2020.

TE SENTO A VARA. Te sento a vara. **Facebook**, 2012. Disponível em: <<https://web.facebook.com/TESENTOAVARA1/>>. Acesso em: 15 de junho de 2019.

TOOHEY, K. **Learning English at school**: identity, social-material relations and classroom practice. 2. ed. Bristol; Blue Ridge Summit: Multilingual Matters, 2018a.

TOOHEY, K. The onto-epistemologies of new materialism: implications for applied linguistics pedagogies and research. **Applied Linguistics**. v. 40, n. 6, p. 937-956, 2019.

TRIP TV. Brasil: república dos memes. **Revista Trip**, 2019. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip-tv/memes-no-brasil-fomos-atras-quem-faz-distribui-e-lucra-com-isso>>. Acesso em: 15 de março de 2020.

UOL. Carregadores de caixão que viraram meme podem custar R\$ 800 em Gana. **Uol**, Notícias – Internacional, abril de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2020/04/19/carregadores-de-caixao-que-viraram-meme-podem-custar-r-800-em-gana.htm>>. Acesso em: 24 de julho de 2020.

VERLY, C. Aluno da UFRRJ inova e faz sucesso com sua página ‘História no Paint’: aprender com memes. **Portal UFRRJ**, maio de 2019. Disponível em: <<https://portal.ufrrj.br/aluno-da-ufrrj-inova-e-faz-sucesso-com-sua-pagina-historia-no-paint/>>. Acesso em: 7 de março de 2020.

VIEIRA, S. M. F.; STEFANO, L. de M. Cultura dos memes no ambiente conectivo: identidades e criação coletiva. **Revista Observatório**, v. 5, n. 6, p. 700-724, 2019.